

REVISADO

TARA POSSÍ-
VEL ESCANEAT-
MENTO: 27.10.
2011

ANOITECEU... DESCANSA CORAÇÃO

Original de ERICO CRAMER
Capítulo - 1º

TÉCNICA

CARACTERÍSTICA MUSICAL DE GRANDE EFEITO POR ALGUNS MOMENTOS. FUN-
DINDO COM MELODIA SUAVE QUE PERMANECE EM B.G. PARA FUNDO DE NARRA-
ÇÃO.

NARRADOR

Quando o sol vai morrendo e as sombras descem, quando o céu, já de estrelas pontilhado, começa a se cobrir de negro manto, quando os pássaros calam e se escondem no aconchêgo da verde ramaria, quando as águas tranquilas da lagoa já não refletem mais a silhueta dos altos pinheiros do caminho... há uma pausa suave em nossas vidas e cessam, por instante, as ambições! Nossas almas desprende-se um silêncio e, então, no espaço azul onde se perdem, buscam, por um momento, aproximar-se do mistério insondável do infinito! Voltam, momento após, insatisfeitas, retomando o caminho abandonado e a luta continua e recrudescce. Novos sonhos de amor! Novos desejos! Mil conquistas de glória, mil anseios! Mil promessas nos nossos corações! E a vida continua e as sombras crescem, amortalhando tudo no silêncio!... (PAUSA) E noite agora! O sol fugiu lá todo, e um manto negro cobre o céu imenso, apertando o azul de suas vestes. Já não piam as aves. Já não brilham as águas. Os telhados na treva se esconderam e os caminhos, de todo, se apagarão! Anoiteceu! Há treva e solidão!... (PAUSA E TOM) Mas amanhã virá um novo dia e um novo sol virá nos esquecer. Pássaros cantarão, cruzando os ares, hão de brilhar as águas da lagoa, os caminhos irão se iluminando e hão de ver-se palmeiras acenando ao afofo da brisa da manhã!... (PAUSA E GRAVE) Há também um poente em nossas vidas... quando nos foge o sol da mocidade! O coração reluta em aceitá-lo e em desespero se contorce e grita! Quer a luz! Quer o sol! Quer a glória infinita de amar e ser amado! Quer vibrar! Quer viver! A sombra se avoluma e então, desesperado, já perdido na treva, os passos arrastando, caminha para a noite, mal e mal percebendo os últimos vestígios de uma luz que se apaga! (PAUSA E TOM) Por que é tamanho assim seu desespero? Por que resiste à realidade? Porque é o fim e essa luz que vai morrendo ele sabe que nunca voltará!... (PAUSA) Quão menos sentiria aquele que encarasse o pôr do sol da vida, sem mágoa ou desconsolo!... I Quão menos choraria aquele que vestisse, em hora tão amarga, o manto da coragem!... Quão menos sofreria aquele que aceitasse aproximar-se o fim sem dor e sem revolta!... E quando o coração tiver se a ousadia de querer resistir aos embates do poente, quão menos sofreria aquele que tivesse a suprema coragem, a extrema galhardia de fazê-lo escutar o clamor do bom senso, falando-lhe a sorrir

FILME DE
3 1/2 minutos
com um
poente no
quarta
e terminando
com norte
fechado.

Estúdio
C/Mani
suave em
fundo
truro
a frente
de um
espelho.

suave e lentamente: E tarde!... Anoiteceu!... Descansa coração!...

TECNICA
SOBRE A MÚSICA EM FUNDO E CORTA

HAROLDO (CHAMANDO PARA OUTRO PONTO, SEMPRE IRRITADO E IMPACIENTE) Iris! Iris! Onde está você? Faz meia hora que estou aqui a gritar o seu nome e você não me atende?!... Iris! Anda! Venha para junto de mim! Quem lhe autorizou a afastar-se do quarto, deixando-me aqui completamente abandonado? Iris! Você não ouve que estou lhe chamando? Iris!

C/REGRA HAROLDO (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM SOLICITOS) (SEMPRE IRRITADO) Então você se aproveita do meu sono para fugir de perto... (CORTA O QUE IA DIZER E TRANSIÇÃO) Ah, é você, Celeste?

CELESTE Sou eu, sim, senhor Haroldo. Dona Iris recostou-se um pouco no quarto de hóspedes e me pediu que o atendesse se por acaso o senhor despertasse antes dela e a chamasse.

HAROLDO E por que foi descansar no quarto de hóspedes se podia fazer o mesmo aqui?

CELESTE Bem, eu... eu não sei, senhor Haroldo. Naturalmente como o senhor estava dormindo ela não quis fazer nenhum movimento na cama para não despertá-lo. Hoje, na hora do almoço, ouvi quando ela disse ao Josias que o senhor não havia dormido muito bem à noite...

HAROLDO Tolices. Dormi tão bem quanto das outras noites. Se quis se referir a um pesadelo que tive ela bem sabe que os tenho sempre e muitas vezes até mesmo quando estou acordado.

CELESTE Não sei se quis se referir a isto. Sei apenas...

HAROLDO (CORTANDO) Vá chamar a sua patrão, ande.

CELESTE Mas senhor Haroldo...

HAROLDO (CORTANDO) Vá chamar a sua patrão, já disse. Diga-lhe que venha imediatamente para junto de mim.

CELESTE (SUBMISSA) Está bem, eu vou.

C/REGRA HAROLDO (PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM)

HAROLDO É horrível ter-se que viver meses a fio em cima de uma cama e deixar-se em inteira liberdade uma mulher moça e bonita como é a minha!...Eu não queria dormir! Não deveria ter dormido, mas parece que os comprimidos para afastar o sono já não me produzem o efeito desejado. Hoje mesmo procurarei lembrar-me de pedir um novo remédio ao doutor Siqueira. Não quero mais dormir quando ela esteja acordada. Não quero! Uma mulher bonita precisa ser constantemente vigiada.

C/REGRA HAROLDO (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM)

IRIS (APROXIMANDO-SE) Acordou, Haroldo? Desculpe, meu bem. Fui descansar um pouco no...

HAROLDO (SEMPRE IRRITADO CORTANDO) Já sei. No quarto de hóspedes, não foi? E eu aqui acordado há mais de duas horas, a gritar inutilmente por você. Será possível que você não tivesse ouvido os meus gri-

tos?

IRIS Claro que não, Haroldo. Então se os tivesse ouvido você creê que eu seria capaz de deixar de atendê-lo imediatamente?

HAROLDO Sei lá! A gente nunca sabe do que são capazes as mulheres.

IRIS (CARINHOSA) O que é isso, Haroldo? Então você duvida de mim? Davi da da sua Iris?

HAROLDO Duvido porque sei que você não fala a verdade.

IRIS Como?... Eu não falo a verdade? Alguma vez terei mentido à você para que você possa afirmar uma coisa destas?

HAROLDO Mentis todos os dias, dizendo que ainda se ama como antes quando eu sei que é mentira.

IRIS Oh, Haroldo, será possível que você vá recomeçar com as suas manias?

HAROLDO Manias, não é? Quando eu digo a verdade são manias. Você não será capaz de repetir que se ama, olhando-me bem firme dentro dos meus olhos.

IRIS Quanta tolice, querido! Para que tudo isto se estou aqui a seu lado cuidando de você com todo o carinho, vivendo por você e só por você?

HAROLDO Não sei, não!

IRIS Não sabe? Oh, Haroldo!

HAROLDO Claro que não. Eu dormi... você se afastou... Sei lá o que você fez longe de mim?

IRIS Haroldo... por que você envenena a nossa vida com as suas eternas desconfianças? Você não compreende que elas são humilhantes para mim... e que elas me ofendem? Você não sente que eu me sinto espremeada... aviltada... diminuída?... Não fui sempre uma mulher honesta... cumpridora dos seus deveres... digna de sua confiança?

HAROLDO (AMARGURADO) Não digo ao contrário mas... naquele tempo... naquele tempo eu era um homem perfeito... um homem válido... Hoje... sou um inutilizado. Um homem que vive em cima de uma cama, na total dependência dos que o cercam e sofrendo a tortura cruel de ver ao seu lado uma mulher moça e bonita, inteiramente solta dentro de um mundo de depravação e de miséria.

IRIS Mas como inteiramente solta, Haroldo, se passo quase que a totalidade das minhas horas dentro deste quarto, sem licença para afastar-me senão os minutos determinados por você? Se até a educação de nossa filha eu a entreguei inteiramente aos cuidados de Celeste para poder dedicar-me exclusivamente a você? Pense um pouquinho, Haroldo. Seja consciencioso. Se eu fosse uma menina de dezoito ou vinte anos, sem nenhuma noção de dever ou responsabilidade, vá lá que você assim procedesse, mas eu sou uma mulher de trinta e oito anos. Lembre-se disto.

HAROLDO É demasiadamente tarde para que a idade afaste o perigo.

IRIS (SUSPIRO DE CANSAÇO E DESÂNIMO) É uma pena que você não consiga

convencer-se! Isso melhoraria tanto a nossa vida! Tanto!... E já vão para três anos que vivemos nesta luta, nesta agonia que à medida que o tempo passa parece que mais aumenta! Há momentos em que eu chego a ter medo.

HAROLDO

Medo de mim?

IRIS

De você não. Medo de mim mesma. De me deixar contagiar também pela sua revolta.

HAROLDO

(DESCONFIADO, AMARGO, QUERENDO ADIVINHAR) E o que aconteceria?

IRIS

Não sei, Haroldo. Não quero nem pensar.

HAROLDO

Eu sei. Aconteceria o que você deseja há tanto mas não tem coragem para realizar.

IRIS

O que está pensando, Haroldo?

HAROLDO

(LUGUBRE E RANCOROSO) O que aconteceria. Você diz que não sabe, mas eu sei. Vou dizer-lhe.

IRIS

(RÁPIDA) Não, Haroldo, não diga nada. Basta de humilhações e de vexames.

HAROLDO

(SEM LIGAR AO PROTESTO) Você passaria a levar a vida que deseja. Passear... viajar... divertir-se... e entregar-se livremente a todos que se deixassem fascinar pela sua beleza.

IRIS

(NUM CHOQUE, SEVERA E RESSENTIDA) Cale-se, Haroldo. É simplesmente monstruoso o que você imagina de mim.

HAROLDO

Monstruosa é a disfaçatez com que você ameaça realizar o seu intento.

IRIS

Ameaçar, eu?! Oh, Haroldo, por favor! Não procure deturpar o sentido das ~~meas~~ minhas palavras.

HAROLDO

Conheço-a de sobra para me deixar enganar pela beleza dos seus olhos. Não me convence essa estudada expressão de angelical pureza com que você reveste a sua fisionomia. E não me comove, tão pouco, esse ar de desânimo, essa cabeça pendida sobre os ombros, esse busto premeditadamente curvado como que para dar a impressão de que você carrega uma pesada cruz. (ELA ROMPE EM SOLUÇOS UM POUCO AFASTADA) E essas lágrimas... si eu não as conhecesse talvez deixasse me impressionar por elas. (ASPERO) Eamos, cesse com esse choro. (ELA CESSA BRUSCAMENTE, DEIXANDO AINDA ESCAPAR DOIS OU TRES SOLUÇOS ABAFADOS) Que diria alguém que entrasse aqui e lhe visse a chorar dessa maneira? Havia de pensar que eu lhe maltrato. Havia de julgar que sou um carrasco e você... uma pobre vítima. Pensaria, talvez, que até lhe bato e que sou um mau marido. No entanto, eu tenho a consciência de que dificilmente você encontraria um outro como eu. Que lhe desse o luxo que eu lhe dei. O conforto que você tem em casa. As jóias que compra. Os vestidos. Tudo. Que lhe falta? Diga. Falta-lhe alguma coisa? (PAUSA VIOLENTO) Vamos, responda. Falta-lhe alguma coisa

IRIS

(VOZ EMBARGADA PELAS LÁGRIMAS) Falta-me... carinho, Haroldo. Carinho

me. É isso que me falta!

TÉCNICA CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA DE GRANDE EFEITO

LOCUTOR PUBLICIDADE

TÉCNICA CORTINA MUSICAL

MIMOSA E então, meu filho, como se foi hoje no consultório?

ALEXANDRE Mal, mamãe, muito mal. Se a coisa continuar neste pé eu estou vendendo que no fim do mês não vai dar nem para pagar o aluguel da sala que ocupo na cidade.

MIMOSA Não desanime, meu filho. Se Deus quiser tudo há de melhorar.

ALEXANDRE Francamente... não vejo jeito.

MIMOSA Oh, Alexandre! Também você quer tudo correndo? Não é possível. Você já pensa que os médicos que hoje têm a maior clínica da cidade não passaram por essa fase que você está passando?

ALEXANDRE Acredito que tenham passado mas a questão é que eu não posso continuar assim. Preciso ganhar dinheiro, mamãe. Não tenho recursos para viver tanto tempo sem ganhar.

MIMOSA Mas meu filho, é preciso paciência. Recém hoje faz quinze dias que você instalou seu consultório.

ALEXANDRE Pois então? Mais quinze dias e já eu terei uma série de despesas a pagar. E o aluguel da sala, é a prestação dos móveis, é a energia elétrica, a luz, o gás, o ordenado da servente que faz a limpeza... Isso sem contar as nossas despesas aqui de casa. Hoje, por exemplo, apareceram lá três clientes.

MIMOSA Pois então?

ALEXANDRE Então o que? O primeiro já chegou declarando que não me podia pagar, o segundo levava um cartão de recomendação do seu Tibério. Um cliente que leva uma apresentação de um amigo como éis o que é que se pode fazer?

MIMOSA Realmente. Para um recomendado de seu Tibério, um amigo a quem tanto devemos, você não podia cobrar.

ALEXANDRE Pois foi o que eu fiz. O terceiro perguntou-me o preço da consulta. Disse-lhe que era cinquenta cruzeiros. O homem coçou a cabeça, meteu muito vagarosamente a mão no fundo do bolso, tirou lá de baixo umas notas amassadas, muito velhas, abriu-as pacherrentamente, contou-as com todo o vagar e terminou por me dizer com a voz mais lamuriceira possível: "doutor, eu tenho apenas quarenta cruzeiros. Mereço longe... não posso ir a pé para casa... amanhã, também, não poderei ficar sem dinheiro... Deixe a consulta por trinta."

MIMOSA Citado! E você deixou, meu filho?

ALEXANDRE É claro. O que é que eu podia fazer? E aí está o resultado de um dia inteiro de expectativa: trinta miseráveis cruzeiros. É isso hoje. Porque ontem e ante-ontem não ganhei um só que fosse.

MIMOSA Mas não se exaspere, meu querido. Tenha calma. Não gosto de lhe ver assim nervoso. De hora em hora Deus melhora.

- ALEXANDRE Quando não piora.
- MIMOSA O que é isso, meu filho? Não diga sacrilégios. Você vai ver como
...
- C/REGRA (CAMPAINHA DE CHAMADA DE TELEFONE)
- MIMOSA Você quer atender?
- ALEXANDRE Não vale a pena. Garanto-lhe que chamado não é.
- C/REGRA (DOIS OU TRES PASSOS E RUÍDO DE LEVANTAR O FONE DO GANCHO)
- MIMOSA (UM POUCO AFASTADA-FALANDO PARA LONGE) Alô!... (PAUSA) Sim. Quem fala aí? (PAUSA) Como foi que o senhor disse? Eu não ouvi bem. (PAUSA) Queira ter a bondade de falar um pouco mais alto, sim? O telefone está péssimo. (PAUSA) Doutor o que?
- ALEXANDRE Pode deixar, mamãe. Deve ser comigo mesmo.
- MIMOSA É com você, sim, mas eu não consegui ouvir quem está falando.
- ALEXANDRE (AO TELEFONE) Alô!... (PAUSA) É o Alexandre, sim. Quem fala aí? (PAUSA) Ah, como vai, doutor Marcos? (PAUSA) Como? (PAUSA) Posso, sim. Como não? Com muito prazer. Como é o nome? (PAUSA) Haroldo Berlin? (PAUSA) Berlinck? (PAUSA) Entendi bem agora. Haroldo Berlinck. O endereço qual é, doutor? (PAUSA) Avenida Pascoal... cento e vinte e três. Está. (PAUSA) Sim, sim. Vou agora mesmo, doutor. Obrigado.
- C/REGRA (RUÍDO DE DESLIGAR TELEFONE)
- MIMOSA (ESPERANÇA) Um chamado, meu filho?
- ALEXANDRE Sim, mamãe. Um antigo cliente do doutor Marcos que ele já está cansado de atender. Diz que é gente de posse e que paga bem.
- MIMOSA Que bom, meu filho! Que bom!... Eu não te dizia que de hora em hora Deus melhora? Eu não te dizia?
- TÉCNICA CORTINA MUSICAL
- ALEXANDRE Boa tarde.
- CELESTE Por que boa tarde? Para desculpar o seu atraso? Devia dizer boa noite. Só agora é que o senhor aparece?
- ALEXANDRE Mas perdão, eu... quer dizer... não faz nem meia hora que fui chamado...
- CELESTE Desculpe mas o senhor está faltando com a verdade. Telefonei três vezes para a sua casa.
- ALEXANDRE Três vezes?
- CELESTE Sim senhor, três vezes. A primeira de manhã, um pouco depois das oito horas. Disseram-me que o senhor já havia saído. A segunda um pouco antes do meio dia, disseram-me que o senhor ainda não havia chegado para almoçar. E a terceira às quatro e meia ou cinco horas, não tenho bem certeza.
- ALEXANDRE É estranho... Naturalmente minha mãe esqueceu-se de me transmitir seus recados... Peço-lhe que me desculpe. (TOM) Onde está ele?
- CELESTE Está no meu quarto. (TOM) Entre.
- C/REGRA (POUCOS PASSOS=PORTA QUE SE FECHA)

ALEXANDRE O que é que êle tem? Não sabe?

CELESTE Bem... o senhor agora poderá examiná-lo: Eu desconfio que êle está com uma válvula estragada.

ALEXANDRE Uma válvula estragada? A senhora acha, então, que é qualquer coisa da cabeça?

CELESTE Que cabeça, homem?! Pois se eu estou lhe dizendo que é uma válvula estragada. Bem, mas eu também não posso garantir que seja. Não entendo disto. O senhor faça um exame no aparelho, veja o que é e faça o que é preciso. O meu maior empenho é que êle fale.

ALEXANDRE Ah, êle não fala?

CELESTE Hum-hum! Desde ontem, depois do almoço, que êle está completamente mudo.

ALEXANDRE Confesso-lhe que não me agrada absolutamente nada desse sintoma.

CELESTE E eu estava aflitíssima que o senhor não viesse porque estou acompanhando uma novela muito interessante e não desejava perder o capítulo de amanhã.

ALEXANDRE Novela?

CELESTE Será que até amanhã à noite êle já pode estar bom? Se o mal é somente na válvula penso que bastará trocá-la, não é isto?

ALEXANDRE Válvula... novela... minha senhora, eu... eu tenho a impressão de que está havendo um mal entendido entre nós... Quem julga a senhora que eu seja?

CELESTE O homem que eu chamei para concertar o meu rádio, ora essa!

ALEXANDRE Nada disto. Eu sou o médico que o Dr. Marson mandou para atender o senhor Haroldo Berlinck.

CELESTE Hein?! O sr... o senhor é médico?

ALEXANDRE Sim. Por que? Está me achando com mais jeito de concertador de rádios, não é? Sou o doutor Alexandre Passos.

CELESTE Ora, doutor, o senhor me desculpe! Que cabeça a minha? Como foi que eu não vi logo que o senhor era doutor? Desculpe, sim? Não foi por mal, acredite. Tenha a bondade de passar.

TECNICA RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL

IRIS Deixar o senhor o substituto designado pelo doutor Marson para atender o meu marido?

ALEXANDRE Sim, minha senhora.

IRIS Não sei como êle irá recebê-lo. Creio ser do meu dever preveni-lo de que Haroldo tem um gênio terrível. Por vezes chega mesmo a exceder-se nas suas grossarias.

ALEXANDRE Eu saberei compreender a sua natural irritabilidade, minha senhora, não se preocupe.

IRIS Há, ainda, uma outra particularidade, contra a qual devo também alertá-lo. É profundamente desagradável, para mim, falar-lhe sobre este assunto, mas uma vez que o senhor passará a tratar de meu marido, parece-me mais prudente que lhe esclareça tudo a fim de que

- o senhor possa conhecer melhor o terreno onde vai pisar.
- ALEXANDRE É claro. Pode falar sem constrangimento.
- IRIS Haroldo tem por mim um ciúme verdadeiramente doentio, de maneira que o senhor nunca deverá dirigir-me a palavra em presença d'ele. Quando de todo isso fôr impossível, evite, pelo menos, de levantar os olhos para mim.
- ALEXANDRE Saberei ser bastante cauteloso, minha senhora.
- IRIS Para que o senhor possa avaliar o grau desse ciúme bastará dizer-lhe que ele não me permite nunca afastar-me de junto de seu leito, a não ser por absoluta necessidade e assim mesmo com os minutos marcados. Agora mesmo, se me encontro aqui conversando com o senhor é porque lhe dei, no leite, uma dose maior de calçante que o fez adormecer.
- ALEXANDRE Perfeitamente. Creio que estamos entendidos, minha senhora. Preciso muito trabalhar e farei todo o empenho para conservar o cliente.
- IRIS Muito bem. Vamos passar ao quarto, então. Queira ter a bondade de acompanhar-me.
- TÉCNICA PASSAGEM MUSICAL
- CELESTE (UM POUCO AFASTADA) Chamou, dona Iris?
- IRIS Pssiu! (MEIA VOZ) Chamei, sim, Celeste. Ela está começando a despertar e é necessário que você esteja conosco.
- CELESTE Sim, sim... compreendo.
- IRIS (ALTO) O que achou do resultado dos últimos exames que o doutor Marcos mandou fazer?
- ALEXANDRE Comparados com estes aqui que a senhora diz terem sido os penúltimos, nota-se uma melhora bem acentuada. Principalmente no fe sangue. No que diz respeito à contagem de glóbulos vermelhos.
- HAROLDO (COMO QUE DESPERTANDO) Quem... quem está aí? Quem é esse homem? O que faz no meu quarto?
- IRIS Querido, este é o substituto do dr. Marcos que está doente e não pode vir atender-te.
- ALEXANDRE Alexandre Passos, senhor Haroldo. Muito prazer em conhecê-lo.
- HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA PESADA) O que faz?
- ALEXANDRE Sou médico.
- HAROLDO Pois olhe, não parece. Tem-se mais a impressão de um caixeiro de loja.
- ALEXANDRE (RINDO SEM CRITICA MAS BUSCANDO SER AMÁVEL) Ou de um concertador de rádios, não?
- CELESTE (BAIXO) Que vergonha, meu Deus!...
- HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) Que deseja, afinal?
- ALEXANDRE Estou aqui para tratá-lo.
- HAROLDO E o senhor sabe se eu estou disposto a me sujeitar em ser tratado pelo senhor?

- ALEXANDRE Bem... é evidente que terei de aguardar, antes de tudo, a sua permissão.
- HAROLDO E se a tivesse?
- ALEXANDRE É claro que faria o maior empenho em torná-lo bom.
- HAROLDO Mas o senhor não a terá porque não me merece confiança.
- IRIS Haroldo, contenha-se
- HAROLDO É isto mesmo. Não me merece confiança, repito, porque um homem que se aproveita de um instante em que o outro está ~~surpreso~~ dominado pelo sono, para acercar-se, não revela muita clareza nas suas intenções.
- ALEXANDRE Não me cabe a culpa dessa particularidade, senhor Haroldo. Quando me trouxeram ao seu quarto eu ignorava que o senhor estivesse dormindo.
- HAROLDO Quem o trouxe?
- CELESTE Fui eu, patrão.
- HAROLDO Pois isto vem reforçar a minha convicção de que não devo ter confiança em você. Vamos, fora do quarto os dois. Você e ele.
- ALEXANDRE Senhor, tenha a bondade de conceder-me alguns minutos, para que...
- HAROLDO (FORTE) Fora do quarto os dois, já disse.
- ALEXANDRE Mas perdão... e senhor não pode...
- HAROLDO (JÁ GRITANDO INDIGNADO) Não posso o que? O que é que eu não posso? Estou dentro da minha casa, posso fazer o que melhor me aprover e nego, a quem quer que seja, o direito de resistir a uma ordem minha. Eu sei que o senhor veio fazer em minha casa. Pense que sou idiota? Que não estou percebendo as coisas? Se pensa está muito enganado. A sua intenção foi se aproximar dessa mulher desprotegida por quem, infelizmente, eu tenho uma paixão desmedida.
- IRIS (DESATA A SOLIÇAR EM SEGUNDO PLANO)
- ALEXANDRE Cale-se, senhor Haroldo. O senhor não tem o direito de ofender dessa maneira a sua esposa e nem de fazer de mim semelhante julgamento.
- HAROLDO Cale-se o senhor, seu atrevido! Seu doutorzinho de meia tijela.
- ALEXANDRE Pois saída que não me calarei.
- HAROLDO Ah, sim?! Pois então eu lhe farei calar.
- IRIS (ASSUSTADA GRITANDO) Haroldo! Não! Haroldo, o que vai fazer?
- HAROLDO (ÓDIO) Sáia da frente desse homem!
- IRIS Não, Haroldo, não. Por favor, não faça isso, eu lhe peço!...
- C/REGRA RUÍDO DE LAMPADA DE CABECEIRA PESADA QUE CAI AO CHÃO E SE PARTE
- CELESTE (EM CIMA DO RUÍDO, NUM GRITO) Seu Haroldo!... (PAUSA FAVOR) Que horror, meu Deus!...

TÉCNICA MÚSICA FONTE PARA ENCEBARR O CAPÍTULO

12 COPIAS/AV.

REVISÃO:
27.10.2011

TECNICA SOBRE POR MOMENTOS A CARACTERISTICA

HAROLDOR Haroldo Berlinck fora, em toda a sua vida, um temperamento impulsivo e arrebatado. Aos quarenta e cinco anos de idade, porém, quando uma comção cerebral invalidou por completo os seus membros inferiores, de impulsivo e arrebatado tornou-se, o pobre homem, um violento e um revoltado, causando profundos desgostos à sua pobre esposa, que resignada, sujeitava-se a todos os seus desmandos e humilhações. Alexandre Passos, filho de uma viúva pobre e que, à custa de muitos sacrifícios, conseguira formar-se em medicina, aguardava, ansioso, o momento em que fôsse proporcionada pelo destino a oportunidade de tornar o seu nome conhecido, acatado e respeitado. Recém formado e lutando com toda a série de tropeços iniciais, o rapaz, justamente quando expandia para sua mãe a impaciência que o dominava, recebe um telefonema de um dos seus mestres, pedindo-lhe que atendesse por ele o senhor Haroldo Berlinck, cliente difícil de gênio mas de esplêndida situação financeira. Alexandre Passos vê, nesse chamado, a oportunidade tão ansiosamente desejada e sem perda de tempo sai para atendê-lo. O enfermo dormia no momento em que ele chegou. A esposa pôe-no ao correr da verdadeira situação e das dificuldades que ele teria de enfrentar. O desejo de não perder a oportunidade anima-o e ele entra, resolute, no quarto de Haroldo Berlinck. Este, ao acordar-se, irrita-se com a presença do médico novato e dirige-se a ele asperamente. E o primeiro capítulo terminou quando, frente a frente, médico e enfermo...

HAROLDOR Pensa que sou idiota? Que não estou percebendo as coisas? A sua intenção foi se aproximar dessa mulher despudorada, por quem, infelizmente, eu sinto uma paixão avassaladora.

TRIS (DESATA A SOLUÇAR EM SEGUNDO PLANO)

ALEXANDRE Cale-se, senhor Haroldo. O senhor não tem o direito de ofender desta maneira a sua esposa e nem fazer de mim semelhante julgamento.

HAJO LEO Cale-se o senhor, seu atrevido! Um doutorzinho de meia tijela.

ALEXANDRE Pois saiba que não me calarei.

HAROLDOR Ah, sim? Pois então eu lhe farei calar.

TRIS (ASSUSTADA GRITANDO) Haroldo! Não, Haroldo! O que vai fazer?

HAROLDOR (ÓDIO) Saia da frente desse homem!

TRIS Não, Haroldo, não! Por favor! Não faça isso, eu lhe peço!...

C/NEGRA (RUIDO DE LAMPADA DE CABECEIRA PESADA QUE CAI AO CHÃO E SE PARTI)

CELESTE (EM CIMA DO RUIDO, NUM GRITO EM SEGUNDO PLANO) Seu Haroldo!...

(PAUSA FAVOR) Que horror, meu Deus!...

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA-TOM BAIXO-RECRIMINANDO) É verdadeiramente incrível o que o senhor acaba de fazer!... Veja! Veja o resultado da sua cólera descabida!

CELESTE (ANGUSTIA E PRANTO) Ela estará morta, doutor?

ALEXANDRE Talvez não... mas de qualquer forma o ferimento não terá sido pequeno. Além de que a lâmpada de cabeceira era grande e pesada, atingiu-lhe em cheio a cabeça. Por favor, minha senhora, ajude-me a transportá-la para aquele divan, afim de que eu possa examiná-la.

C/REGRA (RUIDO DE LEVANTAR UMA PESSOA-ALGUNS PASSOS ETC.)

ALEXANDRE Assim. Um pouco mais para cima, por favor. (PAUSA) Isto. Agora am pare-lhe a cabeça. (PAUSA) Assim.

CELESTE (DEPOIS DE PAUSA) E então, doutor?

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Felizmente está me parecendo que não houve nenhuma fratura.

CELESTE Mas ela está perdendo muito sangue, veja!

ALEXANDRE Sim. Temos que tratar de estancá-lo o quanto antes. Descanse-lhe a cabeça no divan e traga-me, antes de tudo, uma tesoura para cortar-lhe os cabelos.

TÉCNICA CORFINA MUSICAL DRAMÁTICA

ALEXANDRE Traga-lhe um pouco de calmante, senhor Haroldo. (PAUSA) Vamos, o senhor precisa tomá-lo. (PAUSA) Não ouve o que estou lhe dizendo? Tome esse calmante, vamos.

C/REGRA (RUIDO DE BEBER)

ALEXANDRE Isto vai fazer-lhe bem. Dentro de poucos instantes há de sentir-se mais calmo.

HAROLDO (FAZENDO GRANDE ESFORÇO PARA FALAR-QUASI SEM VOZ) R... e... e ela?

ALEXANDRE Está deitada aí no quarto ao lado. O ferimento foi bastante extenso, mas felizmente não oferece nenhuma gravidade. Acabei de fazer-lhe uma injeção para reanimá-la. Creio que dentro de poucos minutos estará novamente voltando aos sentidos.

HAROLDO (COM ESFORÇO) Sou... sou um bruto... um animal...

ALEXANDRE Vamos, acalme-se. E não faça esforço. A explosão de nervos exgotou-lhe totalmente as energias. O senhor precisa repousar.

HAROLDO Sim... repousar... repousar para sempre... morrer... Seria o melhor de tudo.

ALEXANDRE Vamos, não diga isto.

HAROLDO De que serve... uma vida... como a minha?

ALEXANDRE Quem sabe ainda?

HAROLDO Não minta... o senhor... o senhor sabe... que não tenho cura...

ALEXANDRE Como posso saber? Nem sequer examinei-o. Deixemos isto para mais tarde. Por ora é absolutamente necessário que repouse.

CELESTE (AFASTADA-TOM ESCURO) Doutor... Venha. Ela parece que está reco-

brando os sentidos.

ALEXANDRE Sim, sim. (TOM) Eu voltarei dentro de alguns minutos. Procure descansar.

TECNICA CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

CELESTE Sente-se melhor agora, dona Iris?

IRIS Um pouco, sim... Muito tonta ainda... dói-me muito a cabeça...

CELESTE É natural. O golpe foi tremendo. Nem sei como não a matou.

IRIS E ele? Como está?

CELESTE Está dormindo. O doutor obrigou-o a tomar uma dose maior de calmante para isso mesmo. Há duas horas que dorme profundamente. De vez em quando o doutor vai observar-lhe a respiração... toma-lhe o pulso... Neste momento está lá.

IRIS O doutor ainda está aqui?

CELESTE Está sim senhora. Não se afastou nem um instante. Telefonou para a mãe avisando-lhe que não voltaria tão cedo e tem estado a noite toda de um quarto para o outro.

IRIS Que horas são?

CELESTE Não sei bem ao certo mas senti bater meia noite há um bom pedaço.

IRIS Estou ainda tão tonta que não consigo pensar claramente em tudo o que aconteceu.

CELESTE E nem deve pensar. Deve procurar dormir para descansar um pouco, isso sim.

TECNICA CORTINA MUSICAL

C/REGRA (TRÊS BADALADAS DE RELOGIO ESPAÇADAS E AFASTADAS)

ALEXANDRE Três horas da manhã. Por que não vai descansar?

CELESTE Juro-lhe que não tenho sono, doutor. Ao menos estando aqui conversando com o senhor o tempo passa mais depressa.

ALEXANDRE Nunca pensei em demorar-me tanto na minha primeira visita a esta casa.

CELESTE E eu também nunca pensei que o senhor conseguisse permanecer aqui mais de cinco minutos. Sabia que o senhor Haroldo não concordaria com a sua presença e que lhe faria sair no mesmo instante. É um gênio terrível! Dona Iris, coitada, tem sofrido horrores com ele. A esclerose cerebral, a medida que progride, vai tornando os doentes muito mais irritados e violentos.

CELESTE Mas seu Haroldo sempre foi assim, mesmo antes de adoecer. Naturalmente que a moléstia acentuou ainda mais as suas manias, mas desde que eu estou aqui ao serviço da casa - isso já vai para quinze anos. Eu era uma menina quando vim... - que ele foi sempre assim neurastênico e ciumento. Um ciume, um ciume de dona Iris que ela não tinha o direito de levantar os olhos para homem nenhum.

ALEXANDRE É só o casal? Não têm filhos?

CELESTE Têm, sim senhor. Têm uma menina. A Encê. Está em São Paulo, na casa da avó. Seu Haroldo implicou com ela de tal forma que a pobre-zinha não pode mais ficar aqui. Imagine que absurdo: de repente

Ele deu para cismar que a menina não era filha dele.

ALEXANDRE

Que idade tem a pequena?

CELESTE

A Enôê deve estar agora com... (TOM) Espere que eu já lhe digo com certeza... Em outubro vai fazer quinze anos que estou aqui. Quando entrei ao serviço da casa ela estava para completar três anos. Vai fazer dezoito anos em Janeiro.

ALEXANDRE

Dezoito anos?... Dona Iris já tem uma filha com essa idade?

CELESTE

Sim senhor. Ninguém diz, não é verdade?

ALEXANDRE

Que esperança! (TOM) Mas ela deve ter casado muito cedo.

CELESTE

Até que nem. Que idade o senhor pensa que ela está? Com mais de quarenta.

ALEXANDRE

Não é possível!

CELESTE

Sim senhor. E isso que tem passado muito trabalho. Si ela tivesse tido uma boa vida, então...

ALEXANDRE

Mas é fantástico! Eu nunca seria capaz de imaginar que dona Iris pudesse ter mais de vinte e sete ou vinte e oito anos. E depois, além de não mostrar a idade ela ainda tem a seu favor a beleza. É muito bonita também.

CELESTE

É, sim. Eu às vezes fico até com raiva de ver uma mulher ainda moça e bonita como ela, sacrificada dessa maneira. O senhor devia convencê-la de botar o seu Haroldo num hospital. Ai ela poderia mandar buscar a filha e viveria muito melhor... Esse homem é um carrasco, o senhor nem imagina!

ALEXANDRE

Pelo que me foi dado ver agora, eu tenho a impressão de que vou conseguir modificar um pouco a maneira de viver de dona Iris sem que ela tenha necessidade de internar o marido num hospital.

CELESTE

O senhor me desculpe, doutor, mas eu não acredito muito.

ALEXANDRE

Mas acredito eu e por isso lhe digo. O susto que ele levou esta noite valeu-lhe como amarga advertência do que poderá suceder amanhã si ele não modificar a sua maneira de tratá-la. E agora, ainda que ela se restabeleça em breve, deverá ficar muitos dias sem aparecer-lhe no quarto para que ele sinta a sua ausência e não torne a praticar o ato de violência que efetuou esta noite.

CELESTE

Sim, isto é que é preciso: que ele sinta bastante falta dela para que a gente possa lembrar-lhe que foi por culpa dele mesmo que ela se viu forçada a ausentar-se.

C/REGRA

(CIGARRA)

CELESTE

É a campainha do quarto de Enôê. Dona Iris está chamando.

ALEXANDRE

Vá atendê-la. Se precisar de mim é só chamar-me.

C/REGRA

(PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM)

TECNICA

CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE

Doeu muito?

IRIS

(AINDA VOZ FRACA) Não doutor... quasi nada...

ALEXANDRE

Esta injeção é um pouquinho dorida, sim, mas vai fazer-lhe um

grande bem. A senhora vai poder dormir algumas horas e ao despertar já as dores terão aliviado bastante.

IRIS Obrigada, doutor... muito obrigada... O senhor tem sido tão bom... tão delicado... tão paciente...

ALEXANDRE É esta a missão do médico, minha senhora. Por favor não me agradeça.

IRIS Sou obrigada a fazê-lo. Sinto-me tão grata por tudo e... principalmente pelo carinho que o senhor me tem dispensado. Eu precisava tanto de um pouco de carinho! Tanto!...

ALEXANDRE Vamos, não fale mais agora. Feche os olhos e espere que o sono chegue. A senhora precisa repousar.

IRIS Sim, doutor...

C/REGRA (RELÓGIO AFASTADO BATE QUATRO BADALADAS ESPAÇADAS)

ALEXANDRE (TOM BAIXO) Pobre mulher!... Tão bela e tão desgraçada!... (FUSA) Bem merecia um destino melhor!...

TECNICA CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

TECNICA CORTINA MUSICAL

C/REGRA (SEIS BADALADAS DE RELÓGIO DIFERENTES-RUIDO DE PORTA FECHADA A CIAVE AFASTADA-PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAR)

ALEXANDRE Mãe! A senhora ainda acordada?

MIMOSA Estava à tua espera, filho.

ALEXANDRE Mas a senhora devia ter-se deitado.

MIMOSA Podia ferrar no sono e não te ouvir chegar. Querda fazer-te um pouco de café antes que te deitasses e assim preferi recostar-me nesta cadeira.

ALEXANDRE Sabe que horas são?

MIMOSA Seis horas. Sentí bater agora mesmo. Ficaste até agora em casa do teu cliente?

ALEXANDRE Sim, mãe.

MIMOSA Deve ter sido então um caso muito grave.

ALEXANDRE Realmente. Em todo o caso é gente muito rica e poderá pagar-me bem a noite de sono que perdi.

MIMOSA Bem, vou prepararte um pouco de café para que possas tomá-lo e ir descansar na seguida.

TECNICA CORTINA MUSICAL

C/REGRA (BATE UM RELÓGIO-O MESMO DAS BATIDAS ANTERIORES-DEZ HORAS)

MIMOSA (AINDA SONOLENTA) Dez horas, meu Deus! Como pode dormir até tão tarde? Também não é brincadeira ficar até às seis da manhã, cochilando, sentada numa cadeira.

C/REGRA (CAMPAINHA DE TELEFONE-DUAS VEZES ESPAÇADAS)

MIMOSA Ah, que horror, o telefone! Ele é capaz de acordar Alexandre e ele precisa dormir pelo menos até o meio-dia. Deixa-me atendê-lo depressa antes que ele teque outra vez.

C/REGRA (POUCOS PASSOS DE MULHER-RUIDO DE LERVANTAR FONE DO GANCHO)

- MIMOSA Alô! (PAUSA) É da casa do dr. Alexandre Passos. (PAUSA) Está, sim senhora, mas não pode atender de momento. A senhora quer deixar o recado? (PAUSA) Mas acontece que ela passou toda a noite em casa de um cliente, deitou-se depois das seis e ainda está dormindo. (PAUSA) Ah, da casa desse cliente mesmo? (PAUSA) Está muito bem, pois então eu vou acordá-lo agora e ele irá em seguida. (PAUSA) Perfeitamente. Não há por que.
- C/REGRI (RUÍDO DE DESLIGAR TELEFONE)
- MIMOSA Fobre do meu filho! Nem pode descansar convenientemente, mas ela diz que é urgente, sou obrigada a acordá-lo.
- TÉCNICA CORTINA MUSICAL
- CELESTE E então doutor? Que me diz?
- ALEXANDRE Felizmente agora tudo está bem. Consegui com que ela expelisse o veneno que ingeriu antes que ele pudesse ocasionar maiores estragos.
- CELESTE Eu logo desconfiei que ela tivesse tomado veneno; o senhor sabe?
- ALEXANDRE Mas por que? Houve alguma coisa de anormal, depois que eu me retirei?
- CELESTE Absolutamente nada, doutor. Isto é... uma meia hora depois do senhor ter saído, ela bateu a campainha e me pediu um comprimido para a insônia. Eu fiquei indecisa se deveria dá-lo ou não e ela me afirmou que o senhor tinha dito que si ela sentisse necessidade que poderia tomar até dois. Eu então levei-lhe um pouco d'água e o tubo do remédio. Dei-lhe um comprimido e botei o vidro em cima da mesinha de cabeceira. Conversemos ainda um pouco e ela pobrezinha ainda chorou, envergonhada do que se havia passado na sua presença. Uns dez minutos depois ela começou a adormecer e eu me retirei do quarto, mas por infelicidade, esqueci de trazer comigo o tubo do remédio. Quando às nove e meia fui levar-lhe um alimento não consegui despertá-la e, olhando para a mesinha de cabeceira, deparei com o tubo vazio. Percebi logo o que havia acontecido e apressei-me em chamá-lo.
- ALEXANDRE Fez muito bem. Fez muito bem. Se eu tivesse chegado uma meia hora mais tarde talvez já não conseguisse salvá-la.
- CELESTE E agora? Ela está bem?
- ALEXANDRE Está, sim. Naturalmente muito sonolenta mas isso não tem maior importância. Acredito que ficará assim o dia todo. (TOM) Bem, eu agora me vou. Penso voltar aqui lá pelas oito ou nove horas da noite, em todo o caso... se antes disso a senhora achar que há necessidade de minha presença é só tocar o telefone que, em dez minutos eu estarei aqui.
- CELESTE Perfeitamente, doutor. Muito obrigada.
- TÉCNICA CORTINA MUSICAL
- ALEXANDRE Ontem não quiz obrigá-la a qualquer excesso, mas hoje, que já es-

tá mais reanimada, vamos conversar seriamente. Por que motivo a senhora tentou matar-se?

IRIS

Oh, doutor, por favor eu lhe suplico: não me obrigue a falar!

ALEXANDRE

Como não? Tem que falar, sim. Precisa expandir-se... desabafar... Sei que, de início, será desagradável para a senhora mas depois vai sentir o bem que isso lhe fará. Vamos, abra a sua alma como si eu fôsse... vamos dizer... como si eu fôsse seu irmão.

IRIS

Eu não sei, doutor... eu não sei porque fiz isto... juro-lhe que não sei. Fiquei tão desesperada com tudo aquilo que aconteceu... senti raiva, vergonha, revolta... e por fim... senti piedade e senti medo. Medo de continuar a viver ao lado d'ele, no estado de excitação em que se encontra. Medo de que êle pudesse repetir a agressão e... Não sei, não sei... juro-lhe que não sei o que pensei. Penso que tive medo de, num novo acesso de revolta, tornar-me uma criminosa. Sim, foi isso, com certeza, que me levou à resolução extrema de acabar com esse constante martírio de todas as horas em que se tornou a minha vida.

ALEXANDRE

Ouça, dona Iris: Isso tudo, para mim, foi apenas uma consequência do cansaço e depressão nervosa em que a senhora se encontra. E para fazermos desaparecer o efeito, precisamos, antes de tudo, afastar a causa. E a solução que vejo aqui é a senhora internar seu marido num hospital.

IRIS

(NUM SALTO) Não, doutor, isso nunca! Ele morreria de desespero.

ALEXANDRE

Mas se não o fizer quem há de morrer será a senhora. E afinal, entre salvar-se um ou outro... é preferível que se salve a senhora que é uma criatura sã, uma criatura válida...

IRIS

Não, não doutor... Peça-me tudo, menos isto. Eu não internarei meu marido de forma alguma. Seria uma coisa horrível para mim! Eu não mais poderia ter socoço em toda a minha vida.

ALEXANDRE

Pois bem, uma vez que isso lhe parece uma coisa terrível e a simples idéia lhe causa um tamanho horror, não insistirei mais neste ponto, mas insistirei, e energicamente, em que a senhora mude o seu modo de vida para poder reagir e curar a depressão em que se encontra. Só os preparados químicos que se compram nas farmácias não são suficientes para restabelecê-la. A senhora precisa, principalmente, sair de vez em quando, ir a um cinema, visitar uma amiga, tomar um chá numa confeitaria, enfim... equilibrar, com um pouco de distração, as horas tormentosas que vive dentro de casa.

IRIS

Ele não permitirá que eu saia. Nunca mais permitiu, desde que adoeci.

ALEXANDRE

Terá que permitir. Falarei com êle e hei de explicar a situação.

IRIS

Nem fale, doutor. Perderá o seu tempo.

ALEXANDRE

Engana-se. Precisava ver como êle se modificou, desde aquela noite da minha primeira visita a esta casa. Aceita as coisas ainda

com revolta, é verdade, mas eu o ameaço com as mais tenebrosas consequências e ele se cala. E sabe por que? Porque a ama e tem medo de perdê-la.

IRIS

Estranha maneira de amar! Maltratando-me e fazendo-me sofrer.

ALEXANDRE

O amor, como todos os demais sentimentos, se manifesta por várias formas. Não há os que choram de alegria? E no entanto, na maneira comum de ser das criaturas o choro é, foi e será sempre uma manifestação de dor e de tristeza. (PAUSA E TOM) Mas vamos, não fique assim nesse desânimo. Levante a cabeça e enfrente a adversidade com coragem e ânimo forte.

IRIS

Sou fraca demais para ter coragem, doutor. Sou uma vencida.

ALEXANDRE

Mas eu aqui estou para ajudá-la a se tornar uma vencedora. Estendendo-lhe a minha mão. Aceita?

IRIS

(COMOVIDA E EMBARGADA) Oh, doutor!... Como o senhor é bom!

ALEXANDRE

Hei de guiá-la nesse caminho escuro e pedregoso em que a senhora se encontra perdida. Tomarei sobre os meus ombros a tarefa de reconstrução da sua alma destruída. Hei de fazer com que aflore aos seus ~~lábios~~ lábios o sorriso que há de substituir esse rictus de angústia que lhe enfeia. E para começar a minha tarefa, amanhã, às três horas da tarde, quero que esteja pronta para ir comigo a um jardim da cidade apanhar um pouco de sol.

TECNICA

CORTINA MUSICAL

SIMÃO

Rebeca! Rebeca, meu filha!... (MAIS ALTO CHAMANDO) Rebeca!

REBECA

(BEM AFASTADA GRITANDO) Que é, velho?

SIMÃO

(PARA LONGE) Você não vem jantar, meu filha?

REBECA

(DE LONGE) Eu não quero jantar, velho. Estou me aprontando que eu vou sair.

SIMÃO

(PARA LONGE) Mas você não pode ficar sem comer, menina. Fica fraca depois velho Simon gasta dinheiro na doutor.

REBECA

(DE LONGE) Eu já vou descer, velho. Não atucana que eu estou aturada.

SIMÃO

(SOZINHO) Oh! estas meninas... estas meninas!... Dom tanto trabalho parra o gente depois que crescem e aranjam as namorradados... (PAUSA) Não vale o pena a gente ter filhos mulherres. Crescem, ficam mocinhos, aranjam as casamentos, vom emborra parra longe, esquecem a papai e o mamãe e não ajudam mais o gente. Assim aconteceu com Ruth e depois com Sarra. Cassaron bem, com altos comerciantes do colonia e se esquecerem da velho Simon, a pobre vendedor de gravatas. Agorra... Rebeca também está de namorradado... qualquerr dia desaparece também como os outtres e a velho Simon fica de todo sosinha. E triste este vida assim. Muito triste! Não vale o pena chorrar tantos lágrimas e fazer tantas ~~ma~~ sacrificio por umas filhas assim!... Tres filhas velho Simon crri eu e agorra come sozinho no mesa!

C/REGRA

(PASSOS QUE DESCEM ESCADAS E SE APROXIMAM-PASSOS DE MULHER)

- R. BECA O que é que está falando sozinho, velho? Parece que está ficando gira?
- SIMÃO Velho Simon está triste de ter que comer sozinho na mesa, meu filha.
- REBECA Ora, velho, deixa de bobagem. Eu vou ao cinema com o Dorival, não tenho tempo de jantar agora. Na volta eu como. Deixa no forno o que sobrar.
- SIMÃO Você vai no cinema com a Dorival?
- REBECA Vou, velho. Por que?
- SIMÃO Rebeca, meu filha... Papai já disse parra você. Procure namorado de sua raça. Namorado que tem vontade de casar e não de fazer brrinquedo.
- REBECA (AGRESSIVA E MALCRIADA) Olhe papai, de gente da sua raça eu já es tou até aqui, está ouvindo? Até aqui.
- SIMÃO Meu filha!...
- REBECA Até aqui, sim. Não suporto mais essa gente. Desgraçadamente é o meu sangue mas si eu pudesse mandava queimá-los todos. Uma gente falsa, rasteira, que não sabe o que é sinceridade e que não conhece outro Deus senão o dinheiro. Gente ambiciosa... interesseira... Got Nhíú!... Minha Deus!...
- SIMÃO Got Nhíú!... Minha Deus!...
- REBECA Namorar gente da sua raça para que? O senhor acha que eles não brincam? Que namoram para casar? Pois eu lhe digo que estou cansada de esperar por eles e continuarei a esperar inutilmente a vida toda, porque enquanto o senhor continuar a ser o miserável vendedor de gravatas que ainda é, nenhum rapaz da nossa raça se aproximará de mim para casar porque eu não tenho o que mais lhes interessa que é o dinheiro.
- SIMÃO Seus irmãos não casaram com gente da colonia, Rebeca? Por que dizer estes bobagens?
- REBECA Ora casaram! Casaram por que? Ruth era um boi de canga para o trabalho e Bernardo necessitava de uma mulher como ela para tomar conta do negócio. Sara herdou as jóias da madrinha que foram logo transformadas em dinheiro para início do capital de Jacob. Ambos casaram por interesse. Comigo não há de ser assim. Fique sabendo, velho.
- SIMÃO Oh que tristeza tom grande ouvir estas coisas do meu filha.
- REBECA Eu quero casar pelo coração. Quero ser feliz, ouviu? Ainda que case com um homem pobre quero ter a certeza de que ele gosta de mim. O que poderá acontecer de mais si eu me casar com um rapaz pobre como o Dorival? Que eu tenha que trabalhar para ajudá-lo na luta pela vida. Não estranharei por isso. Tenho eu feito outra coisa em minha vida? Não passo os dias inteiros lavando a casa, cozinhando, costurando as suas roupas, fazendo gravatas para o senhor vender? Tenho eu feito outra coisa em minha... (TRANSIÇÃO RÁPIDA) Papai!...

Velho... o que é que está sentindo? Papai...

SIMÃO Meu filha... corraçom... da velho Simon...

REBECA (CHAMANDO DESESPERADA) Papai!... Velho!... Papai, atende. Ele vai morrer... (GRITANDO DESESPERADA) Socorro!... Socorro!... Socorro!..

TECNICA CARACTERÍSTICA MÚSICA FORTE-ABAFANDO OS GRITOS DE REBECA)

FIM CAPÍTULO 2

14 CÓPIAS/AV.

"ANOITECEU... DESCANSA CORAÇÃO!"

Original de ÉRICO CRAMER

Capítulo - 3º

REVISÃO: 27.10.2011

CONTROLE

SOBE POR MOMENTOS A CARACTERÍSTICA

NARRADOR

Ao final do segundo capítulo desta novela, travamos conhecimento com mais dois novos personagens: Simão e Rebeca. Ele, um humilde israelita vendedor de gravatas e ela a única filha que ainda lhe resta solteira, voluntariosa e mal educada. Simão procura convencer Rebeca de desistir da idéia de namorar Dorival, um simples empregadinho de comércio e procurar casar-se com qualquer comerciante abastado de sua raça. Ela persiste na sua idéia e discute.

REBECA

(AGRESSIVA E MALCRIADA) Eu quero casar pelo coração. Quero ser feliz, ouviu velho? Ainda que case com um homem pobre, quero ter a certeza de que ele gosta de mim. O que poderá acontecer de mais sei eu me casar com o Dorival? Que eu tenha que trabalhar para ajudá-lo na luta pela vida, não é? Não estranharei por isso. Tenho eu feito outra coisa em minha vida? Não passo os dias inteiros, levando a casa, cosinhando, costurando as suas roupas e fazendo gravatas para o senhor vender? Tenho eu feito outra coisa em minha vida... (TRANSIÇÃO RÁPIDA PARA SUSTO) Papai!... Velho!... O que é que está sentindo? Papai!...

SIMÃO

Meu filha... corraçom... da velho Simon...

REBECA

(CHAMANDO DESESPERADA) Papai!... Velho!... Papai, atende... Que horror! Ele vai morrer!... (GRITANDO) Socorro!... Socorro! Acudam, por favor! Socorro!...

UMA VOZ

(AFASTADA) Rebeca! É você que está gritando por socorro? O que há?

REBECA

(AFLITA, PARA LONGE) Um médico, por favor, vizinho! Chame um médico, depressa. Papai está morrendo...

UMA VOZ

(AFASTADA) Vou buscar aquele rapaz que mora ali na outra quadra. Pode ser?

REBECA

Qualquer um, contanto que venha imediatamente, não será tarde.

CONTROLE

COBTINA MUSICAL DRAMÁTICA

MIMOSA

E então, meu filho? Como foi a sua tarde de hoje? Muito serviço?

ALEXANDRE

Pouco ainda, mãe.

MIMOSA

Mas não tão pouco como há um mês atrás, não é verdade?

ALEXANDRE

Bem... realmente agora sempre me aparecem dois ou três clientes em cada tarde.

MIMOSA

Bem como eu lhe disse, meu filho: de hora em hora Deus melhora. Essas coisas não podem ser assim do dia para a noite. Tem que se dar tempo ao tempo. De vagar se vai ao longe, como diz o ditado.

ALEXANDRE

É, mas as coisas continuam a marchar de vagar demais, se não fôz

se a minha cliente granfina, como a senhora chama a dona Iris, eu nem sei sonda já teríamos pdo parar. Ela é que tem mantido as nossas despesas.

MIMOSA Felizmente, meu filho! Felizmente! É bem como diz o ditado: mal de uns e bem de outros. E ela como vai? Tem melhorado?

ALEXANDRE Sim. Felizmente nestes últimos dias, com as saídas que a obriga a fazer diariamente, o seu estado de ânimo melhorou bastante. Já começa a se interessar pelas coisas que se passam em sua volta e já demonstra uma certa faceirice em se arrumar para os nossos passeios de todos os dias.

MIMOSA E o marido, o que diz a tudo isso? Já se conformou em que ela se afaste de seu lado para esses passeios?

ALEXANDRE Ele nem imagina que ela esteja de pé, quanto mais que saia para passear! Está convencido de que a feriu gravemente e de que ela, até hoje, esteja na cama sem poder mover-se. A princípio pensei em dizer-lhe toda a verdade e fazer-lhe sentir a necessidade de aceitar com resignação a mudança de vida, da esposa, mas Celeste, uma empregada antiga que os serve há muitos anos, aconselhou-me a que usasse desse ardil para poupar ao pobre desgredado a raiva concentrada que ele, por certo, haveria de sentir. Depois de apalpar cuidadosamente o terreno, por algum tempo, convenci-me de que Celeste tinha razão e resolví-me a aceitar o seu consêlho.

MIMOSA Se ele é como você diz, realmente foi melhor assim. (TOM) Posso esquecer o jantar ou quer tomar o seu banho primeiro, meu filho?

ALEXANDRE Não há nenhum chamado urgente?

MIMOSA Meu Deus, meu filho! Que cabeça a minha! A filha do nosso vizinho da outra quadra que você atendeu ontem à noite, já esteve aqui três ou quatro vezes atrás de você. Pediu que você fôsse lá assim que chegasse. Nem sei como pude esquecer. Desculpe, meu filho.

ALEXANDRE Não tem importância, mamãe, não se impressione. Ele não está assim tão mal. Ela é que não sabe esperar.

MIMOSA Mas a coitadinha estava tão aflita! Vá, meu filho, vá. Quando você voltar eu esqueço a sua jantinha.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

IRIS O que tinha êle, há pouco, que estava tão zangado contigo, Celeste?

CELESTE Nada, dona Iris. Não lhe fiz absolutamente nada. Simplesmente adverti-lhe que estava na hora de tomar o remédio e isso foi o bastante. Parou-se a gritar e a jogar com os braços... Como agora a senhora não está junto dele, derrama toda a sua bilis para o meu lado.

IRIS Eu já poderia ter voltado a cuidá-lo mas o doutor não quer...

CELESTE E não deve voltar mesmo. Nunca mais êle lhe permitiria arredar

um pé de dentro do quarto e em menos de um mês já a senhora estaria outra vez completamente exgotada. Eu, que tenho outro temperamento e que não me resinto com as brutalidades d'êla, há dias que fico extenuada e perco completamente a paciência, imagine a senhora.

IRIS Sabes que quando penso na maneira como estou procedendo com Marcol do sinto-me envergonhada?

CELESTE Ora essa! Envergonhada por que, dona Iris?

IRIS Porque o meu dever de esposa era estar junto ao seu leito, cuidando-o e dispensando-lhe o meu carinho e no entanto, confesso-te que me sinto muito melhor longe d'êla. E, se pudesse não voltaria nunca mais àquela quarto. Queres saber até que ponto chega esse meu pavor? Uma noite em que êle te chamou várias vezes e tu não ouviste, eu estava acordada e tive pena d'êla. Levantei-me e caminhei para o quarto, disposta a atendê-lo, mas a medida que me aproximava da porta foi crescendo em mim a impressão de uma condenada que caminhasse para a fôrça. Seus chamados soavam aos meus ouvidos como a voz de um carrasco que me ordenasse desnudar o pescoço para passar sobre êle a corda que me haviaria de cortar brutalmente a respiração. Parei, ofegante e cansada. Sua voz, já bem próxima de mim, chamava ainda uma vez. Voltei sobre os meus passos, silenciosa, e fui depressa chamar-te. Quando me recolhi novamente ao leito, chorava de vergonha pela minha covardia.

CELESTE Covardia na sua maneira exagerada de ver as coisas. Para mim o que a senhora fez pode-se qualificar de prudência.

IRIS É porque tú te afeiçoaste a mim e insistes em negar as minhas faltas. Qualquer pessoa insuspeita condenaria essa minha atitude.

CELESTE Pois conta esse fato ao doutor, pergunte a opinião d'êle e verá.

IRIS Mas eu disse qualquer pessoa "insuspeita".

CELESTE E o doutor não o é?

IRIS (ATRAFALHADA) Sim... quer dizer... Própriamente suspeito não se poderá dizer que êle seja, mas... mas a verdade é que êle já se afeiçoou bastante a mim e naturalmente a simpatia que lhe inspirei já não lhe permite julgar as coisas com a mesma imparcialidade.

CELESTE Nada disto. O que a senhora precisa é continuar a ter confiança no médico e obedecer cegamente as suas instruções. E neste particular, êle foi bem claro e bem preciso! Tão cêto a senhora não voltará a cuidar de seu marido e até que se refega completamente teremos que fazer com que êle acredite que a senhora se encontra estendida no leito, surtida de dôres. X-8

CONTROLE COPPINA MUSICAL

ALEXANDRE Minha mãe me disse que você esteve lá várias vezes. Houve alguma coisa?

REBECA Foi o velho que teve af uns tremeliques, mas depois passou. Foi a

maçã que lhe fez mal.

ALEXANDRE E por que você acha que tenha sido a maçã?

REBECA Porque tenho certeza, ora essa.

ALEXANDRE (IRONICO) Conhece medicina?

REBECA Não.

ALEXANDRE Nesse caso, como pode afirmar, com tamanha segurança, que a maçã lhe tenha feito mal?

REBECA Porque conheço muito bem o velho. Vivo a seu lado há vinte e dois anos.

ALEXANDRE Isso não importa. Pode-se viver uma existência inteira ao lado de uma criatura sem se ficar conhecendo as reações internas de sua natureza.

REBECA Mas não se trata disso, doutor. Se estou lhe dizendo que foi a maçã é porque sei.

ALEXANDRE Nesse caso, explique as razões em que se baseia para insistir em semelhante afirmativa.

REBECA Eu vou explicar. Quando entrei no quarto com o alimento êle me perguntou:

SIMÃO (VOZ ENTRAQUECIDA E UM POUCO ANQUIJANTE) Que é... meu... lha?... lha?...

REBECA Maçã ralada, velho.

SIMÃO Maçã, meu filha?!... Fruta cara!...

REBECA É fruta cara mas o médico mandou e o senhor tem que comer.

SIMÃO Quanto... custa?...

REBECA Dois cruzeiros.

SIMÃO Dois... cruzerros?...

REBECA É. Dois cruzeiros. E o senhor tem que comer três por dia. De manhã, de tarde e de noite.

SIMÃO Seis cruzerros!... Got nhid!... A lucrro de um grravate...

REBECA (ASSUSTADA) Velho! Velho! O que é que está sentindo? Velho!... (A VOZ VAI SE AFASTANDO) Velho!... Não faz assia...

CONTROLE RÁPIDO HARPEJO

REBECA (TOM ANTERIOR CONTANDO) Pensei que êle ia morrer e fui correndo à sua casa. O senhor não estava, e quando voltei êle já tinha melho rado. As três horas da tarde, quando tornei a levar-lhe maçã, a cena se repetiu. As sete horas, outra vez a mesma coisa. Era bastante pensar no preço da fruta para que lhe voltasse o tremelique. (TOM) Não acha que eu tenho razão em lhe afirmar que foi a maçã que lhe fez mal?

ALEXANDRE Bem... neste caso não foi propriamente a maçã e sim o preço dela. Mas não há possibilidade de supri-las. Ele precisa comê-las.

REBECA Além de ser um alimento leve e nutritivo, ainda combate a insônia. Então não sei o que fazer. Ele não se convencerá de ter que pagar dois cruzeiros por cada uma.

- ALEXANDRE Façamos uma coisa: você mentirá a ele que recebeu uma dúzia de presente.
- REBECA Ele não se convencerá porque sabe perfeitamente, que ninguém nos daria um presente de tanto preço.
- ALEXANDRE Pois então eu lhe mandarei, amanhã mesmo, esse presente.
- REBECA (ESPANTO) O senhor, doutor?!... O senhor?!...
- ALEXANDRE Sim, Por que tamanho espanto?
- REBECA O senhor vai mandar ao papai "uma dúzia" de maçãs?
- ALEXANDRE Vou. Que tem isso demais? Se ele se desespera tanto por ter que comprá-las...
- REBECA Oh, doutor! Como é senhor é bom!... Nunca pensei!... (T) Mas gí-gamos uma coisa: o senhor, depois, não vai nos cobrar mais por causa disto?
- ALEXANDRE Absolutamente. Alíás, para seu descanso e do velho, vou dizer-lhe desde já uma coisa: eu não vou cobrar nada de vocês.
- REBECA (DEPOIS DE UMA PAUSA DE ESPANTO) Não é possível!... Não existe ninguém assim!... Uma dúzia de maçãs!... E não vai exigir nada depois?
- ALEXANDRE Como assim? Exigir o que?
- REBECA Não sei...
- ALEXANDRE Pobre Rebeca!... Pelo que vejo você não está habituada a receber presentes.
- REBECA (RELEMBRANDO COM AMARGURA) Só uma vez... Só uma vez um homem me deu um pregador ordinário com uma pedra vermelha... Mas logo me agarrou e quiz me beijar.
- ALEXANDRE (BREVE PAUSA) Agora compreendo a sua pergunta. Pode ficar tranqui-la, Rebeca. (BREVE-PAUSA) Mandar-lhe-ei as maçãs... sem pensar no pecado!
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- LOCUTOR PUBLICIDADE
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- ALEXANDRE Como?! Inda não está pronta para o nosso passeio de hoje?
- IRIS Não, doutor. Hoje resolvi não sair. Preferi esperá-lo aqui no Jar-dim de inverno para conversarmos mais comodamente instalados, lon-ge de olhares curiosos e indiscretos.
- ALEXANDRE Perfeitamente. Se prefere assim... A hora e meia que eu lhe desti-nára para estarmos juntos na praça, ficaremos aqui.
- IRIS E de agora em diante, se não se opuser, naturalmente, eu preferi-rei que fiquemos sempre aqui.
- ALEXANDRE Sem dúvida o seu jardim de inverno, com estas poltronas tão cômo-das, é muito mais confortável do que um banco de madeira de uma praça onde todos passam... todos olham...
- IRIS (CONTINUANDO) ... e todos comentam, o que é muito pior.
- ALEXANDRE Por que fala assim? Soube de algum comentário a nosso respeito?

- IRIS Absolutamente. Como já sabe eu não tenho amigas e os parentes, que são poucos, foram afastados por Haroldo, logo que nos casamos.
- ALEXANDRE Então?...
- IRIS É que das últimas vezes que estivemos sentados na praça eu pude observar o olhar malicioso do guarda. É interessante... Só então lembrei que sendo uma senhora casada e você - perdão - e o senhor...
- ALEXANDRE (CORTANDO) Não, não. Trate-me de você. Isso me satisfaz bastante, asseguro-lhe.
- IRIS Pois bem, como estava dizendo, o olhar de malícia do guarda fez-me recordar a minha situação de mulher casada, sentada diariamente num banco da praça, a conversar com um rapaz solteiro. Ninguém tem a obrigação de adivinhar que você é médico, que eu sou sua cliente e que você procede assim na piedosa intenção de curar uma alma enferma. Tal como o guarda, muitas outras pessoas que passam e nos vejam não de pensar mal de nós e...
- ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Compreendo. O comentário poderia prejudicá-la e eu também não desejo isto.
- IRIS Aqui estaremos melhor. Livres de olhares indiscretos e de pensamentos impuros a nosso respeito.
- ALEXANDRE Sem dúvida. Só o que lamento é que o exercício diário de ir à praça e voltar, teria também a sua influência no tratamento.
- IRIS Mas eu lhe prometo que sairei todos os dias para fazer uma caminhada da que equivalha.
- ALEXANDRE Assim está bem. Já não há mais nada a lamentar na modificação que fomos obrigados a introduzir nos nossos hábitos.
- IRIS O interessante de tudo isto é que no princípio das nossas idas à praça, nunca me pareceu que alguém olhasse para nós com essa intenção.
- ALEXANDRE A razão é perfeitamente compreensível. Você estava gravemente enferma e betratava, na sua fisionomia, o estado de verdadeiro pânico em que se encontrava a sua alma. Olhava-se para você e via-se logo que era uma criatura doente. Ninguém se atreveria a praticar o desrespeito de pensar que pudesse caber no seu coração, um outro sentimento que não fosse o de tomar sol para reafirmar as suas energias combatidas. Nos últimos dias já você estava completamente recomposta, melhor penteada, - por que não dizer? - até elegantemente vestida. Já sorria... interessava-se pelos assuntos explanados e voltara a ser a dona de todos os seus encantos de mulher bonita.
- IRIS (NUM CHOCQUE CONFIDO) Doutor Alexandre!
- ALEXANDRE Que mal existe em que eu lhe diga que é bonita? Seria insincero se dissesse o contrário. É bonita, sim. Muito bonita.
- IRIS Por Deus, doutor, não fale assim. Deixe-me continuar a seu lado como até aqui inteiramente à vontade. Se o médico pedisse lutar no homem, eu já não poderia ter, com o senhor, a mesma franqueza, a

mesma naturalidade e isso, certamente, iria criar uma situação de constrangimento entre nós. Confesso-lhe que não desejava que isso acontecesse.

ALEXANDRE Está bem. Prometo-lhe não falar mais da sua beleza.

IRIS Desculpe-me, sim? Talvez o senhor esteja pensando que eu sou uma grande pretenciosa porque, afinal, eu... eu poderia ser sua mãe.

ALEXANDRE Por favor, dona Iris, que é isso? Nem diga semelhante absurdo.

IRIS Absurdo por que? Que idade pode ter o senhor? Vinte e cinco anos no máximo.

ALEXANDRE Vinte e seis.

IRIS Pois então? Poderia perfeitamente ser sua mãe.

ALEXANDRE Minha mãe é muito mais velha que a senhora. É uma santa criatura, mas... nunca foi assim bonita como a senhora.

IRIS Você está faltando ao que me prometeu há pouco: de não mais se referir à minha beleza.

ALEXANDRE Tem razão, desculpe. É um impulso mais forte do que a minha vontade.

IRIS Procure dominá-lo. Eu lhe suplico. Não gostaria nada de ser obrigada a despedi-lo de minha casa porque...

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Continue. Complete o seu pensamento.

IRIS ... porque a sua presença aqui (BAIXANDO O TOM COMO QUEM SE ENTRE-ICA) já se tornou uma necessidade para a minha vida.

ALEXANDRE (NUM FORTE IMPETO) Iris querida!... Isso é verdade?

IRIS (ATERRADA) Não, por favor!... Não faça isso!... Solte a minha mão! (P) Que pensaria Celeste se entrasse de repente e nos visse assim...

ALEXANDRE (ARREPENDIDO) Perdão. Sou um louco. Um irrefletido.

IRIS (DEPOIS DE PAUSA PESADA-TOM AMARGO E DOLOROSO) Alexandre, não procuremos perturbar o nosso agradável convívio com pensamentos pecaminosos que acabariam por nos rebaixar aos nossos próprios olhos. A mim, principalmente, que possuo um marido inválido e completamente impossibilitado de se defender do lodo que semelhante infâmia haveria de atirar sobre o seu nome. Seria um duplo crime. Uma covardia monstruosa! (P) Continuemos como antes. Volte a ser simplesmente o médico e o amigo.

ALEXANDRE É tarde, Iris!... É muito tarde!...

C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM)

C/LESTE Quer que traga o lanch aqui mesmo ou prefere ir tomá-lo na sala de jantar?

IRIS Iremos lá, é melhor. Vamos, doutor!

CONTROLE CORTINA MUSICAL VERFUGINOSA

SIMÃO A doutor não vem hoje, meu filha!

REBECA Ache que vem, velho, não sei.

SIMÃO Doutor moço muito bom parece ser. Verdade mandou presente velho Simon, Rebeca?

- REBECA Mandou velho. Quantas vezes eu já disse? Mandou uma dúzia de maçãs.
- SIMÃO Vinte quatro cruzeiro gasta na presente. Moço muito bom. Eu gosto muito do carra dela.
- REBECA No princípio eu não ia nada com ele mas agora gosto. Ele é camara da.
- SIMÃO Verdade doutor falou nom cobrar nada meu doença, Rebeca?
- REBECA Pois eu já não lhe contei tudo, velho? Tenho que repetir as coisas a cada momento? Não vai cobrar. Não vai cobrar.
- SIMÃO É um coisa tom raro que velho Simon tem que ouvir muitas vezes parra acreditar. (PAUSA) Moça muito bom de verdade.
- REBECA Sonhei com ele esta noite. Não sei se foi porque feiquei com aquele negócio das maçãs na cabeça... Um sonho tão engraçado! Tão sem pé nem cabeça! Eu de braço com ele, na frente de um altar católico... a igreja completamente vazia... De repente foi aquele murmúrio como se a igreja enchesse de momento, o órgão começou a tocar, o altar ficou todo iluminado e um sacerdote apareceu para nos dar a bênção. Foi só aí que eu reparei que estava vestida de noiva, e que era o meu casamento que o padre ia realizar. Extendí a mão para que o padre me puzesse a aliança, mas ele olhou para a minha cara, recuou assustado e começou a gritar: Não pode ser, ela não é católica! Não pode ser! Não pode ser! (TOM) Nesse momento acordei.
- SIMÃO Estranho sonho, meu filha. Muito estranho. Na verdade seria muito difícil doutor casar com Rebeca... Mas seria bom. Velho Simon ficar contente bastante
- REBECA Nesse caso, velho, tú nem te importaria, que ele não fosse teu patrício, não é?
- SIMÃO Um home bom nom precisa ser do colonia, meu filha.
- REBECA Um homem bom, hein? Eu sei. Um doutor, é o que é. O senhor teria quem lhe cuidasse sempre de graça, é o que está pensando. Bem que estou lendo isso nos seus olhos cõr de azeitona.
- SIMÃO Serria tom bom!... Tom bom!... Velho Simon poderia morer na des-cansa de espirrito.
- REBECA Não levanta os olhos muito para o alto, velho. As vezes nos dá tontura e acordamos caídos no chão!
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- IRIS Aceita mais uma taça de chá?
- ALEXANDRE Terceira? Não, não, estou satisfeito. Muito obrigado.
- IRIS É um biscoítinho? Destes aqui você não provou. São muito gostosinhos e muito leves. Palitos de araruta.
- ALEXANDRE Foram feitos por você... (CORTA E MUDA O TOM) Desculpe. Foram feitas pela senhora?
- IRIS Se me prometer que terá juízo, autorizo-lhe a tratar-me de você.

(PAUSA) E então? Não diz nada? O que está pensando?

ALEXANDRE Prefiro continuar a tratá-la de senhora.

IRIS Você está procedendo como criança teimosa e malcriada quando o pai ou a...

HAROLDO (BEM AFASTADO GRITANDO FURIOSO) Vá embora daqui, sua bruxa! Vá embora daqui. Não quero enxergar a sua cara, já lhe disse. Tenho horror da sua cara. Vá embora. Vá embora!

IRIS (ABATIDA) Todas as vezes que Celeste vai levar-lhe o remédio, é esta mesma luta.

C/REGRA (BEM AFASTADO-NA MESMA DISTANCIA DOS GRITOS-RUIDO DE BANDEIJA QUE CAI QUEBRANDO COPOS)

IRIS (NUM SUSTO) Que horror, meu Deus! Que terá ele feito em Celeste?

ALEXANDRE Fique aqui. Eu vou lá ver.

CONTROLE CORTINA MUSICAL AGITADA

CELESTE (AGITADA E NERVOSA) Agarrou-se ao meu braço com tal fúria que chegou a rasgar a manga do meu uniforme. Veja doutor, veja. Esse homem é uma fúria.

HAROLDO (FURIOSO GRITANDO) Vá embora, já disse. Não quero ver a sua cara, bruxa.

CELESTE Atirou tudo no chão: A bandeija... o copo... o vidro de remédio...

HAROLDO Vá embora dum vez. Por que ainda está aqui?

CELESTE (RAIVA) Não é por sua causa que estou aqui, não. É por dona Iris. Si não fôsse por ela, há muito que eu já estava longe. Não tenho capacidade para domadora, está ouvindo?

HAROLDO (NO AUGE DA FÚRIA HERRANDO) Vá embora, mulher!

ALEXANDRE Sáia, dona Celeste. Deixe-o a sós comigo por uns momentos.

CELESTE Sim, doutor. Com licença.

C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM)

ALEXANDRE (APÓS UMA PAUSA EM QUE SE MOUVE O ARFAR DA RESPIRAÇÃO DE HAROLDO) Acalme-se, seu Haroldo. Essas cenas violentas prejudicam-lhe o coração. O senhor não pode, de maneira alguma, se exceder assim. Isso lhe prejudica os nervos de um modo deplorável. Pense no que depende de energia, gritando dessa forma como o senhor gritou com dona Celeste. Lá do quarto de dona Iris se ouvia perfeitamente...

HAROLDO (CORTANDO) Hein?! O que?! O senhor estava no quarto da minha esposa? Com que direito? Fazendo o que, se ninguém lhe chamou?

ALEXANDRE Mas si eu venho aqui todos os dias para fazer-lhe curativos, senhor Haroldo?

HAROLDO Mas não a esta hora. É sempre de tardezinha, depois do jantar que o senhor costuma vir.

ALEXANDRE Efetivamente, mas aconteceu que hoje não vou poder vir a hora de costume porque estou convidado por uns amigos para uma festa e tive que anteceder todas as minhas visitas.

HAROLDO E por que, então, Celeste me mentiu que havia sido o tintureiro que

batera à porta? Por que? Vamos, responde! Por que? Por que motivo o senhor não veio diretamente ao meu quarto como sempre faz? Por que? (LIGEIRA PAUSA) Porque estão todos mancomunados para me enganar. Porque são ~~xxxxxx~~ todos uns canalhas. Uns infames...

ALEXANDRE

(OFENDIDO) Senhor Haroldo!

HAROLDO

Uns canalhas e uns infames, sim. Uns miseráveis! Uns covardes que se reúnem para atacar um desgraçado que não pode se mover de cima desta cama. Mas não pensem que vão de me ludibriar e me trair impunemente. Não pensem. Eu ainda hei de ter forças nas mãos para... (CONTORCENDO-SE E FALANDO COM ESFORÇO ENORME) Apanhá-los... um por um... e matá-los... (PERDENDO A VOZ) como se mata... os cães leprosos... Miseráveis... Perversos... Infames... (RESPIRAÇÃO OFEGANTE)

ALEXANDRE

Senhor Haroldo!... Senhor Haroldo... (ALTO PARA LONGE) Dona Celeste, depressa! A seringa de injeção, rápido!...

CONTROLE

CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DE CAPÍTULO

16 COPIAS/AV.

" ANOTECIU... DESCANSA CORACAO! "

ORIGINAL DE ERICO CRAMER

CAPITULO - 4º

REVISÃO:

27.10.2011

CONTROLE

SOBE A CARACTERÍSTICA E BAIXA

NARRADOR

Ao final do terceiro capítulo desta novela, Haroldo Berlinck, num dos seus costumazes acessos de fúria, gritava desesperadamente contra Celeste que lhe fôra levar um remédio, quando, inesperadamente, aparece-lhe no quarto o doutor Alexandre Passos. Este, buscando acalmá-lo, disse-lhe, desastadamente, que do quarto de dona Iris ouvira os seus gritos alucinados. Imediatamente Haroldo lembrou-se que Celeste lhe dissera ter sido o tintureiro quem batera a campainha da rua, uma hora antes. Não pôde represar mais o seu ciúme e a sua desconfiança.

HAROLDO

(GRITANDO INDIGNADO) São todos uns canalhas. Uns infames...

ALEXANDRE

(OFENDIDO) Senhor Haroldo!

HAROLDO

Uns canalhas e uns infames, sim. Uns miseráveis, uns covardes que se reúnem para atarcar um desgraçado que não pode se mover de cima desta cama. Mas não pensem que hão de me ludibriar e me trair impunemente. Não pensem. Eu ainda hei de ter forças nas mãos para... (CONTROCENDO-SE E FALANDO COM ESFORÇO ENORME) apanhá-los, um por um... e matá-los... como se mata... (PERDENDO A VOZ) os cães leprosos... Miseráveis... Perversos... Infames... (RESPIRAÇÃO OFECANTE)

ALEXANDRE

Senhor Haroldo!... Senhor Haroldo!... (ALTO PARA LONGE) Dona Celeste, depressa! A seringa de injeção, rápido!... (FALANDO) Eu já previa este desfecho.

C/REGRA

(PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM)

ALEXANDRE

Fui um desastrado. Não devia nem mesmo ter entrado... (TRANSIÇÃO) Prepare uma injeção, depressa.

CELESTE

(CALMA E DISPLICENTE) Para que, doutor? Não vale a pena. A morte deles seria um benefício para todos. Até para ele mesmo.

ALEXANDRE

O que é isso, dona Celeste?!... Vamos, prepare a injeção depressa, estou pedindo.

CELESTE

Ora, doutor, francamente! Então o senhor não compreende que a vida dele é um martírio constante e transforma em inferno a vida de todos nós?

ALEXANDRE

Seja como for. Meu dever de médico é salvá-lo.

CELESTE

Para que continue a se martirizar, adiando, indefinidamente, a realização de um sonho de felicidade?

ALEXANDRE

Celeste! O que quer você dizer com isto?

CELESTE

Simplesmente a verdade, doutor Alexandre. Tenho bons olhos. Sei ver bem claro as coisas mais imprecisas e apagadas.

ALEXANDRE

Celeste...

CELESTE

(CORTANDO) É inútil tentar negar, doutor. O senhor não sabe fingir. É muito máu ator.

ALEXANDRE

De qualquer maneira... seja lá como for... Meu dever de médico é ...

CELESTE

(CORTANDO) Ora, dever! Estaríamos nós muito bem arranjados se fôsemos dar ouvidos apenas à voz do dever, desprezando completamente as nossas conveniências. Pense um momento: o que será melhor? Deixá-lo morrer e descansar de todas essas torturas que lhe envenenam a alma ou prolongar por mais algum tempo a sua vida inútil, buscando roubar-lhe aquilo que ele possui de mais caro que é o seu amor? Qual o crime maior? (PAUSA) Pense um momento e decida. Se ele se salvar o senhor terá a força suficiente de cumprir com o seu dever, afastando-se dela definitivamente para não arrastá-la ao pecado do adultério? (PAUSA) Vamos, responda. Terá essa força? Essa coragem suprema? (PAUSA) Não creio, doutor. E nem o senhor mesmo crê. Por isso não me responda. Deixe-o morrer. Faça-lhe o benefício a ele, a ela... e ao senhor mesmo. Ficarão, ambos, livres, sem a necessidade de esconderem, às suas próprias consciências, um amor que grita desesperadamente no coração dos dois e que ambos procuram abafar pelo temor do julgamento alheio!

ALEXANDRE

(EM DESESPERO-NUMA LUTA INTERIOR TERRIVEL) Cale-se, por favor, Celeste! Você parece o demônio que me fala... que me tenta... que me arrasta à prática de um crime que eu não desejo cometer.

CELESTE

Será realmente um crime alguém defender a sua própria felicidade? Não creio. E não creio porque entendo que a felicidade vale mais, muito mais do que a própria vida, apesar de que os senhores da justiça absolvem sempre aqueles que matam em defesa própria.

ALEXANDRE

Cale-se, eu já lhe pedi. Tenha pena de mim! Do desespero que me vai na alma! Não! Eu não quero matar! Não tenho esse direito.

CELESTE

Mas o senhor não vai matar, doutor. Simplesmente não fará nada para salvá-lo. É muito diferente.

ALEXANDRE

Não. É a mesma coisa. Eu serei igualmente um criminoso.

CELESTE

O senhor é um covarde. O que lhe falta é coragem para defender o seu amor. O senhor não ama. Ou melhor, não sabe amar. O que sabe amar não vacila. Transpõe a todos os obstáculos para defender o seu...

ALEXANDRE

(MEIO TOM-SEMPRE AFLITO-CORTANDO) Cale-se, por favor. Ele está voltando aos sentidos. (PAUSA) O pulso já está melhor. Já começa a reanimar-se. Deus teve pena da minha angústia e correu em meu socorro.

CELESTE

(DESANIMO-MEIA VOZ) É isto. Vaso ruim custa a quebrar!

ALEXANDRE

(ABAIXO) Eu vou sair. Talvez ele não se recorde do que se passou. Fique sentado perto dele e observe-o.

CELESTE

(BAIXO) Deixe por minha conta. Eu tomarei conta dele.

CONTROLE

CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

- ALEXANDRE Não fique nesse desânimo tão grande, Iris, eu lhe peço. Você precisa ser mais destemerosa e aprender a encarar a vida com maior serenidade. Você precisa reagir contra esse pessimismo que a invade e não se deixar abater dessa forma.
- IRIS Às vezes sinto remorso, Alexandre. Um remorso tão grande pelo que estou fazendo! É isso que me rouba a serenidade em certos momentos. O remorso.
- ALEXANDRE Mas o que é que você está fazendo demais? Poupano-se para não sucumbir antes dele numa luta terrível e desigual.
- IRIS Estou mentindo. Traindo o meu dever de esposa. Furtando-me de estar ao seu lado, cuidando dele, nos momentos em que mais necessita do meu carinho.
- ALEXANDRE Mas ele já exgotou todas as reservas do seu carinho com os máus tratos que lhe dispensa, Iris. O que você quer lhe dar e classifica de carinho, é a sua piedade de mulher.
- IRIS Quando penso no que estou fazendo, eu fico completamente desesperada! Como é possível, meu Deus! Como é possível que eu tenha forças para saber que ele está a dois passos da morte, ouça os seus gritos desesperados e não arrede dois passos do lugar onde me encontro sentada?!... Eu não sou uma mulher normal. Não posso ser. Sou um ente insencível, abominável... Eu sou um monstro!...
- ALEXANDRE Vamos, Iris, acalme-se. Você não é nada disso. É uma mulher inteligente que compreende a inutilidade do seu sacrifício.
- IRIS Mas eu não poderei continuar assim. Sentirei remorsos quando ele se vá. Não poderei ter mais um instante de sossego pelo resto dos meus dias. Deixa-me, Alexandre. Deixe-me voltar para junto dele.
- ALEXANDRE Você não pode fazer isto, Iris. Não pode. Afianço-lhe como médico. É verdade que já está mais forte mas muito longe do que precisa estar para poder enfrentar uma tarefa tão árdua como é essa de estar ao lado de um homem como o seu marido. Violento, arrebatado e mau.
- IRIS Seja como for, é meu marido e eu estou procedendo indignamente com ele. Há dois meses que não entro no quarto, que não lhe vejo o semblante, que não lhe dirijo a palavra... E no entanto tenho consciência do quanto ele deve estar sofrendo com a minha ausência. Do quanto há de estar ansioso para tornar a ver-me.
- ALEXANDRE Se ouviu as ameaças que ele nos fez, será até uma temeridade você procurar aproximar-se dele.
- IRIS Eu terei maneiras de convencê-lo de que está enganado. Ele grita, ameaça-me, maltrata-me, mas, no fundo, ele gosta de mim e acredita no que eu lhe digo. E neste momento, Alexandre, mais do que nunca, o pobre necessita ouvir os meus protestos de inocência.
- ALEXANDRE Iris, não seja leviana e ouça-me. Se neste momento você voltar para o lado dele, a sua própria presença, sem vestígio aparente

de enfermidade ou de ferimento, será o desmentido formal a esta farga que há quasi dois mêses estamos representando. Seu cérebro continua perfeitamente lúcido e êle compreenderá tudo com a rapidez de um relâmpago. Não compreende isto? Não vê que a sua presença agora, longe de lhe dar prazer, vai lhe causar um sofrimento muito maior?

IRIS

(PAUSA-SUCUMBIDA) Tem razão. Não poderei realmente apresentar-me agora diante dêle. Mas quero voltar para o seu lado, ouviu doutor Alexandre? Quero voltar para o meu pósto de espósa e enfermeira. Amanhã o senhor lhe dirá que já estou bem melhor e que dentro de poucos dias já poderei estar ao lado dêle.

ALEXANDRE

Está bem, Iris. (DESANIMADO) Si é essa a sua vontade... eu não terei outro remédio sinõ cumprí-la.

CONTROLE

PASSAGEM MUSICAL

HAROLDO

(VOZ SOTURNA E PAUSADA) O que foi? Que está dizendo?

CELESTE

Nada. Esperando que o senhor despertasse para saber o que deseja tocar.

HAROLDO

Esperando que eu despertasse? Mas despertasse como si eu não dorir?

CELESTE

O senhor é que pensa. Dormiu e bastante. E digo-lhe mais: dêste tãdo sonhos bem aflitos porque jogava com as mãos, agitava a cabeça e houve até momentos em que chegou mesmo a gritar.

HAROLDO

Gritar?

CELESTE

Sim. Dizia agitado: "são todos uns canelhas, uns infantes! Uns miseráveis que se reúnem para atacar um desgraçado que nem pode se mover!" E muitas outras coisas que agora já nem me lembro.

HAROLDO

Mas como? Então... (PAUSA E TOM) O doutor já foi embora?

CELESTE

Como foi embora, si êle ainda nem apareceu aqui hoje, seu Haroldo?

HAROLDO

O doutor... o doutor não estava aqui?

CELESTE

Estava ontem à tardinha, na hora do costume. Hoje ainda não veio.

HAROLDO

Mas si eu até briguei com êle.

CELESTE

O senhor está confundindo tudo, seu Haroldo. Foi comigo que o senhor brigou. Puxou meu braço e jogou ao chão a bandeija com o copo e o vidro do remédio.

HAROLDO

E nesse momento êle entrou, pretendendo acalmar-me.

CELESTE

Que esperança! Ai é que se deu uma coisa muito interessante com o senhor e que eu não pude compreender. O senhor estava furioso comigo, descompondo-me, dizendo-me coisas terríveis e de repente desviou o seu olhar para a porta e começou a dizer coisas sem nexo. Falava como se estivesse presente uma outra pessoa mas eu olhava e não via ninguém. De repente o senhor se calou e fechou os olhos. Não demorou muito, começou a ressonar. Juntei os cacos do copo e do vidro de remédio, fui lá para dentro, fervi o leite, voltei e o senhor continuava a ressonar. Sentei-me aqui e fiquei à espera de que despertasse.

HAROLDO

Coisa estranha!... Eu seria capaz de jurar que o doutor havia estado aqui e que nós havíamos brigado.

CELESTE Há sonhos assim, realmente. Dormimos, sonhamos e ao despertar ficamos com a impressão de ter vivido, em realidade, aquilo que vivemos no sonho.

HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) Dize-me, Celeste: tu crês que os sonhos possam ser avisos?

CELESTE Qual o que! Há uma meia dúzia de idiotas que acreditam nisto, mas uma pessoa equilibrada, uma pessoa inteligente não pode nem deve aceitar essa possibilidade. Quantas vezes sonhamos que somos macacos, que somos raposas, que somos burros... Poderemos acreditar que sejam avisos de que vamos realmente nos transformar nesses animais?

HAROLDO Sim, se encarmarmos a questão sob esse ponto de vista...

CELESTE E temos que encará-la assim, porque o razoável, o lógico é o seguinte: ou todos os sonhos são avisos ou nenhuma deles realmente é. Não lhe parece?

HAROLDO Sim, sim... Não deixem de ser justas as tuas considerações...

CELESTE Bem, seu Haroldo, já está passando a hora de trazer-lhe o alimento. O que deseja tomar? Um copo de aveia... mingá... café com leite...

HAROLDO Qualquer coisa. Não tenho vontade de tomar coisa nenhuma.

CELESTE Mas alguma coisa o senhor tem que tomar. Vou trazer-lhe, então, um copo de leite que fica mais fácil de senhor ingerir.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MIMOSA Veio à procura de meu filho? Ele não está.

REBECA Não senhora, hoje não vim procurá-lo. Vim fazer uma visita para a senhora.

MIMOSA Ah, pois não. Com muito prazer. Entre, então.

C/REGRA (PASSOS DE DUAS PESSOAS-PORTA QUE SE FECHA-MAIS PASSOS)

MIMOSA Sente-se. Olhe, esta cadeira aqui é mais cômoda. (PAUSA) Seu pai como está? Melhorou?

REBECA Felizmente. Ainda está em tratamento mas está já anda na rua.

MIMOSA Ele parece que esteve bem mal, não?

REBECA Se esteve! Eu cheguei a pensar que desta o velho embarcasse. E acho que embarcava mesmo, se não fôsse o doutor.

MIMOSA Você nem imagina como eu me sinto feliz ouvindo fazer referências dessas ao meu filho. Também... não é para menos. Olhe que me saquei para formá-lo! Só eu sei a luta que tive. Chegava a me faltar tudo em casa mas nunca deixei de lhe comprar um livro ou um aparelho que ele necessitasse para estudar.

REBECA Se o meu pai tivesse feito como a senhora eu não seria a criatura estúpida, ignorante e grosseira que hoje sou.

MIMOSA Não diga isso, minha filha. Você até é uma menina que conversa tão direitinho.

REBECA A senhora acha ou está dizendo isto para me animar?

- MIMOSA Acho sim. As vezes você tem uma maneira um tanto brusca de dizer as coisas, umas expressões pouco finas mas isso a gente compreende que é um produto do meio onde foi criada. Fui sempre sua vizinha e cansei de ver você no meio da rua brincando com os moleques. Jogava até luta com eles.
- REBECA Todos tinham horror de mim nesta rua. As meninas, então, nem queriam saber da minha companhia. Fugiam logo quando eu me aproximava.
- MIMOSA Realmente. Você era o terror de todas as mães desta rua. Mas depois ficou mocinha, começou a trabalhar na lida da casa...
- REBECA Foi quando minhas irmãs casaram. Primeiro foi Ruth. Deixou-me um vestido velho, uns sapatos cambalhos e o seu posto de arrumadeira. Logo depois foi Sarah que me deixou mais serviço, mas levou até mesmo as suas roupas usadas.
- MIMOSA Aí você ficou de cosinheira também. Eu soube. A vizinha Eulália, que conversava às vezes com o seu pai, foi que me contou.
- REBECA Eu tenho muita pena de não ter estudado. Podia hoje arranjar um casamento bom.
- MIMOSA Mas as suas irmãs, ao que me consta, também não estudaram e segundo ouvi dizer, casaram muito bem.
- REBECA Mas casaram com rapazes da colônia do velho, e eu não desejo isto.
- MIMOSA Por que? Em todas as raças, como em todas as religiões, há gente boa e ruim. É uma questão apenas, de saber escolher.
- REBECA Sim, eu sei, mas a impressão que guardo, por culpa mesmo do velho, não é boa. Não desejo. Não quero. Penso mesmo que preferirei ficar solteira a vida toda.
- MIMOSA Bem, pode ser que você encontre um rapaz católico que se agrade de você. Afinal você é uma menina esperta, trabalhadora, uma menina até bonita...
- REBECA Bonita eu, dona Mimosa? A senhora acha que eu sou bonita?
- MIMOSA Acho, sim. O que você precisava era procurar mudar um pouco as suas maneiras um tanto... como direi?!... um pouco estabanadas e vestir-se também um pouco melhor. Feito isto você seria uma menina bem interessante.
- REBECA Para vestir-me melhor eu precisava que o velho me desse dinheiro e isso é quasi tão impossível como querer estender os braços e pegar no céu as estrelas. Quando muito ele me dá, de três em três meses, um retelho de fazenda com manchas ou com falhas.
- MIMOSA Pobre Rebeca! Assim é realmente difícil. Mas não desanime, minha filha. Não desanime. Tem-se visto tantas coisas na vida... Ela é tão cheia de imprevistos... Quem sabe se amanhã não lhe aparecerá um rapaz rico que venha a desprezar todas as moças da sua claque para casar-se com você.
- REBECA A senhora acha que isso não seria impossível de acontecer?
- MIMOSA Claro que não. Pois eu não acabei de lhe dizer que a vida é tão

cheia de imprevistos?

REBECA

E... e um doutor? A senhora acha que um doutor poderia gostar de mim assim como eu sou?

MIMOSA

Um doutor, um advogado, um diplomata, um literato... A sorte querendo lhe favorecer, a carreira não importa.

REBECA

Bem, dona Mimosa, eu vou embora agora, que o velho deve ir em casa para tomar o seu remédio que está na hora. Passe bem. Qualquer dia eu volto para conversar mais com a senhora.

MIMOSA

Está muito bem, minha filha, apareça.

C/REGHA

(PASSOS QUE SE AFASTAM-PORTA QUE A RE E FECHA)

MIMOSA

(PROJETANDO) Adeusinho. (PAUSA E TOM) Pobre Rebeca!... Se a vida te jogou nesse meio em que vives... nunca te deveria dar um cérebro com capacidade para sonhar!

CONTROLE

CORTINA MUSICAL TRISTONHO

* SIMÃO

Foste visitar o mãe da doter Alexandrre, meu filha?

REBECA

Fui, velho. Eu já não tinha te dito na hora do almoço que eu ia?

SIMÃO

Si, tinhas dizido mas podias ter resolvido a contrrarrrio. (PAUSA)
A doter non estava no casa?

REBECA

Não, velho, não estava.

SIMÃO

Lástima foi.

REBECA

Pelo contrário, foi até muito bon. Pude conversar à vontade com dona Mimosa e ficar sabendo o que ela pensa a meu respeito.

SIMÃO

Ela acha meu filha bom menina?

REBECA

Ela disse até que eu sou bonita, velho. Vê só!

SIMÃO

Si, sí. Rebeca filho mais parrecido meu mulher. Ester foi moço de um beleza extrraordinário! Todo mundo no colonia se admirrou Ester casar com Simon. Uma home pobre, feio... Trtrabalhava no balcon do loja de Bernarrdo Alenbrruck... Simon mesmo se admirrou Ester casar com ela. Só depois muito tempo Simon compreendeu o razom. Moreu uma moço rico, deixando no testamento dinheiro bastante parra Ruth que eu acreditava ser o meu filha mais velho mas que ele dizia no testamento que erre filha do êle.

REBECA

Ué, velho, tu nunca tinhas me contado essa sujeira; hein?

SIMÃO

Erre um coisa doeu sempre muito corraçon velho Simon. Non querria falar. Um coisa que tantos anos... dos ainda.

REBECA

Por isso que Ruth era tão diretente de nós. Tinha aquele ar de superioridade, e quando respondia a qualquer coisa que a gente falga va com ela, parecia assim que estendia a mão e nos dava uma esmo-la. (COM RAIVA PENSANDO) E era menos que nós. Valia menos que nós porque nasceu em berço de lama.

SIMÃO

Non falar desta maneirra, meu filha. O pobrrresinha non tive culpa.

REBECA

Não teve culpa de nascer, está certo. Mas da pose e da empáfia a culpa era toda dela.

SIMÃO Está bem, meu filha, vamos deixar estas coisas que já forrom em-
borra parra tom longe mas que deixarrrom até a dia de hoje uma a-
marrgor muito prrofunda na corraçom da velho Simon. Vamos falarr
na dotor e no que disse o mãe do ela.

REBECA Não disse nada de mais, velho. Que eu sou bonita, que a sorte po
de me ajudar, e que eu ainda poderei me casar com um moço muito
bom e de uma posição muito bonita.

SIMÃO A filho do ela está uma moço muito bom, de um posição muit
mais bonito que a Dorrival, uma probrre diabo, uma Joom ninguém.

REBECA (ESTALA A LÍNGUA) O Dorival há muito tempo que não dá as cares
por aquí, velho. Nem sei mais onde êle anda.

SIMÃO Verdade isto, meu filha?!... Oh, que coisa tom agrradavel de sa
berri!... Agorra meu filha já tem o cabeça limpa parra poder pen-
sar nostros casamentos mais melhor. Velho Simon vai comprzar uma
vestido de sêda parra você, meu filha e você vai faz otra visita
parra dotor e para a mão do ele.

CONTROLE

CORTINA MUSICAL

IRIS Como está êle hoje?

ALEXANDRE Melhor. Ontem, apesar de Celeste o ter convencido de que tudo fô
ra um pesadêlo, êle se mostrava desconfiado e soturno. Hoje já
me pareceu mais dissuadido da idéia e o seu olhar já não desprez
nde aquelas chispas de ódio que pareciam pontas de fogo.

IRIS Pobre Haroldo! Como eu tenho pena dêle!

ALEXANDRE Você o ama.

IRIS Não. Asseguro-lhe que é piedade, unicamente, o que êle me inspi-
ra.

ALEXANDRE Muitas mulheres aceitam os homens por piedade e acabam por amá-
los desesperadamente.

IRIS Comigo deu-se justamente o inverso. Comecei por amá-lo com deses-
pêro, para terminar dessa forma tão dolorosa para mim e tão humi-
lhante para êle.

ALEXANDRE Muito mais doloroso ainda, será voltar para junto dêle e assis-
tir-lhe minuto por minuto a agonia.

IRIS Concordo que seja mas é o meu dever de espôsa. E no dia em que
êle cerrar os olhos para sempre, eu poderei ter a paz de consciên-
cia do dever cumprido.

ALEXANDRE Essa agonia se estenderá por longo tempo. Talvez você não resis-
ta chegar-lhe nem mesmo à metade. E se por acaso acontecer que
você possa resistí-la inteira, que restará de você depois de tu-
do? Uma sombra de mulher com os nervos em frangalhos, sem mais
resquícios de mocidade e de beleza.

IRIS Bem sei, mas ainda assim... estou disposta a sacrificar tudo pe-
lo dever. (PAUSA E TOM) Você já lhe disse que em breve poderei
voltar para junto dêle?

ALEXANDRE Não. Quiz conversar ainda uma vez com você antes de fazê-lo.

- IRIS Pois bem, já sabe que nada me desmoverá. Não prolongue por mais tempo o instante de lhe dar tão grande alegria.
- ALEXANDRE (PAUSA-TRISTE E RESIGNADO) Está bem. Já que insiste... amanhã, sem falta lhe darei a notícia. E agora me retiro. Posso ainda beijar a sua mão?
- IRIS Não, Alexandre. Terminemos de vez com essa loucura.
- ALEXANDRE (PAUSA SUCUMBIDO) Está bem. Até amanhã.
- IRIS Até amanhã.
- C/REGRA (PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM LENTAMENTE)
- IRIS (DEPOIS QUE OS PASSOS SE PERDEM NA DISTANCIA-CHORANDO) Oh meu Deus, meu Deus... Que fiz eu para pagar tão alto preço pela vida?... Eu creio em ti, meu Pai! Tu bem sabes que creio!... Por que me experimentas dessa forma?... Baixa os olhos à terra e fixa-te um momento em mim!... Meus ombros são tão frágeis!... Minha cruz é tão pesada!... (DESATA EM SOLUÇOS CONVULSIVOS QUE VÃO SE ABRANDANDO ATÉ SE TORNAREM EM PRANTO SUAVE)
- C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM)
- CELESTE (COM BRANDURA) Está chorando? Eu compreendo bem a luta terrível em que se debate o seu pobre coração. O doutor me falou da sua resolução de voltar para junto dela.
- IRIS Sim, Celeste. Não achas que é o meu dever?
- CELESTE Acho que o dever também tem os seus limites, dona Iris. A senhora já sofreu que chegue. Já pagou um tributo muito alto pelo seu amor. Ainda se ele fôsse humilde e bom...
- IRIS Celeste! Não fales assim. Ajuda-me, por favor!
- CELESTE Pois não é justamente o que estou procurando fazer? Livrá-la dos tentáculos de um martírio que se vem prolongando há tantos anos? Não seja tola. Não se apegue à essa idéia de um dever que é todo feito de lágrimas e de desespero, quando bem ao alcance do seu braço está uma vida nova e diferente. Uma vida de alegria. Uma vida de sol. Uma vida de encantos, de sorrisos, uma vida de sonhos e de doces emoções!...
- IRIS Cala-te, Celeste. Pelo amor de Deus!...
- CELESTE Não me calarei. Quero salvá-la. E sabe porque lhe digo isto? Porque se hoje me encontro reduzida a esta humilde condição de empregada, foi porque amei, sofri e entendi que era meu dever carregar a minha cruz até o fim. Afastei, pelo preconceito, aqueles que me quiseram dar a mão. Qual o lucro que tive? Bem poucos acreditaram na minha honestidade e souberam dar valor a ela. Mas êsses poucos nada fizeram para me auxiliar, depois. E eu tive que me arrastar pela estrada da necessidade e descer do meu verdadeiro nível para poder continuar a viver. (PAUSA) Responda-me agora: Vale a pena ser honesta? (PAUSA) Vale a pena cumprir tão ingrato dever?

CONTROLE

CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DE CAPÍTULO

14 CÓPIAS/AV.

REVISÃO:

27.10.2011

V. Costa

CONTROLE
NARRADOR

CARACTERÍSTICA SOBRE

Ao terminar o quarto capítulo desta novela, Celeste, uma antiga empregada do casal Berlinck, esforcava-se por convencer sua patroa de que não deveria voltar ao seu posto de enfermeira junto ao marido enfermo. Iris, a esposa de Haroldo Berlinck, debatia-se numa luta ingente entre viver para a sedução de um amor destinado que lhe assaltara o coração, ou enterrar-se à cabeceira de um inválido a quem ligara por amor o seu destino mas a quem deixara de amar pelos máus tratos que recebia.

CELESTE

Não se apegue a essa idéia de um dever que é todo feito de lágrimas e desesperos, quando bem ao alcance de seu braço está uma vida nova e diferente. Uma vida de alegria... Uma vida de sol... Uma vida de encantos e sorrisos... uma vida de sonho e de suaves emoções!

IRIS

(COM DESESPERO) Cala-te, Celeste! Pelo amor de Deus, calate!

CELESTE

Não me calarei. Quero salvá-la. E sabe por que lhe digo isto? Porque se hoje me encontro reduzida a esta humilde condição de empregada, foi porque amei... sofri... e entendi que era meu dever carregar a minha cruz até o fim. Afastei, pelo preconceito, aqueles que me quizeram dar a mão. Qual o lucro que tive? Bem poucos acreditaram, depois, na minha honestidade e esses poucos nada fizeram para me auxiliar. E eu tive que me arrastar pela estrada da necessidade e descer do meu verdadeiro nível para poder continuar a viver! (PAUSA) Responda-me agora: Vale a pena ser honesta? (PAUSA) Vale a pena cumprir tão ingrato dever?

IRIS

Por favor, Celeste! Não me digas mais nada. Eu te suplico que calas.

CELESTE

Está bem, dona Iris, eu me calarei. A senhora será vencida pela covardia de uma consciência escrava de absurdos preconceitos e voltará para a cabeceira de seu marido. Ele continuará a maltratá-la. Ele continuará gritando, esbravejando, atirando-lhe as coisas que estiverem ao seu alcance e a senhora continuará baixando a cabeça, submissa e resignada, porque um dia casou com esse homem e prometeu-lhe fidelidade. Mas a senhora não esqueça que não prometeu fidelidade a um homem inválido e violento. Prometeu-a a um homem normal, amoroso e delicado. E enquanto ele permaneceu assim, a senhora foi fiel aos seus princípios e aos seus deveres. Ele mudou totalmente. Deu-lhe portanto, o direito de proceder de igual forma.

IRIS

Não, não, Celeste, não fales assim. Ele mudou, bem sei, mas por

fôrça de circunstâncias imperiosas.

CELESTE

Não nego essas circunstâncias mas nego-lhe o direito de querer fazer valer, nessas mesmas circunstâncias, o seu egoísmo desmedido. Se ãle a amasse verdadeiramente, com o sentimento legítimo amor amor, deveria ser o primeiro a procurar libertá-la dêsse constante martírio.

IRIS

Oh, Celeste! Por que me tortura dessa forma? É assim que me queres bem? Fazendo-me sofrer horrorosamente? Enterrando as tuas unhas agudas na minha carne em ferida?

CELESTE

Há feridas que, para serem curadas, é preciso que se as faça sangrar bastante porque é o próprio sangue que as envenena.

IRIS

Eu já te pedi tantas vêzes que te calasses. Por que prossegues?

CELESTE

Está bem, eu não lhe direi mais nada mas tenho a certeza de que o que já foi dito há de lhe fazer pensar sobre o assunto. E agora volto para junto d'ele. Está na hora de dar-lhe o alimento.

CONTRA/REGRA

(PASSOS QUE SE AFASTAM)

IRIS

(DEPOIS DE PAUSA-LENTAMENTE-COMO QUE PENSANDO ALTO) Ela disse que ao alcansar do meu braço está uma vida nova e diferente! Uma vida de sol! Uma vida de sonho! Mas não... não... eu não posso... eu não devo... (CHORANDO-DESESPERADA) Eu quero ser honesta. Eu quero ser digna. Eu quero cumprir até o fim a dolorosa missão que me foi confiada! Ajudai-me, meu Deus!... Dai-me fôrças!... Tende piedade de mim!... (DESATA A SOLUÇAR PERDIDAMENTE)

CONTROLE

CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA-FUNDE COM TEMPORAL FORTE QUE FICA EM FUNDO PARA TODA A CENA-VENTO FORTE TAMBÉM PARA TODA A CENA.

ALEXANDRE

Que noite horrível! Parece que se abriram as portas do inferno e todos os diabos andam soltos. São quasi três horas e eu não consigo dormir. Todas as vêzes que apaguei a luz fui obrigado a tornar a acendê-la. Na escuridão parece que me sufoco. As sombras crescem e as lembranças me agriem. Parece que a inquietude da noite conta minou o meu coração que cada vez mais se acelera ao ritmo desordenado do vento. E eu precisava descansar. Precisava dormir. Tenho os nervos exgotados e sinto-me abatido... desnorteado... Vencido! ... E é ela... é a sua lembrança que me envenena a tranquilidade...

C/REGRA

(BATIDAS SUAVES EM PORTA UM POUCO AFASTADA)

MIMOSA

(AFASTADA-JUNTAMENTE COM AS BATIDAS) Meu filho... tens a luz acesa por que? Está sentindo alguma coisa?

ALEXANDRE

(PARA LONGE) Não, mamãe, estou bem. É que eu estou estudando, simplesmente.

MIMOSA

(IDEM) Tão tarde, meu filho. Vai descansar. São quasi três horas.

ALEXANDRE

Sim, mamãe, em seguida apagarei a luz. É que eu estou terminando de ler um ponto muito importante.

MIMOSA

(IDEM) Queres que te traga algum alimento? Um cafézinho com leite, quem sabe?

- ALEXANDRE (IDEM) Não, mamãe, obrigado. Não sinto fome. Vá a senhora deitar-se e descanse.
- MIMOSA Eu estou sem sono, meu filho. Em todo o caso volto para o meu quarto. Se você precisar de alguma coisa, pode chamar sem constrangimento que eu estou acordada.
- ALEXANDRE Está bem, mamãe, obrigado. Não vou precisar nada, pode estar descansada.
- MIMOSA Boa noite, então, meu filho. Não demores muito em apagar a luz.
- ALEXANDRE Está bem, mamãe, obrigado. (PAUSA) Pobre mamãe! Seu coração está vigilante e já percebeu a tempestade horrível que se desencadeou sobre a minha vida. E eu procuro escondê-la com toda a minha vontade, com toda a minha força e o meu maior empenho! Mas é difícil, impossível esconder o filho aos olhos de uma mãe os reflexos de uma angústia que lhe domine o coração. Ela permanece em muda contemplação, acompanhando, vivendo, sofrendo aquela mesma angústia, calada, quieta, resignada, paciente, sem insinuações... sem perguntas... sem queixas ou recriminações!... (PAUSA) Mãe!... Sublime! Admirável! Heróica criatura!...
- C/REGRA (UM SINO AFASTADO BATE TRÊS BADALADAS ESPAÇADAS)
- ALEXANDRE Três horas da manhã! A noite avança... e o temporal continua! Parece que se abriram as portas do inferno... e todos os diabos andam soltos!
- CONTROLE → CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA
- REBECA (APROXIMANDO-SE) Vou sair, velho.
- SIMÃO Rebeca! Meu filha!... Como está bonito! Velho Simon nem conheceu o filha do ele! Vestido de seda bonito ficou. Onde vai meu filho nesta luxo tom grande?
- REBECA Vou visitar a dona Mimosa.
- SIMÃO Vai, vai, meu filha, vai. Que coisa bom dotor vê meu filha assim bonita. Dá uma abraço no ele e uma saudade no mãe do ele velho Simon manda.
- REBECA Tá bem. Ah, olha aí.
- SIMÃO Sapato rasgado. Porque nom manda na sapaterro costurra ele?
- REBECA Já mandei, velho. Ele já costurou três vêzes e três vêzes se rebentou. Não dá mais. O couro está muito gasto. Preciso é comprar sapatos novos.
- SIMÃO Sapatos estão carros hoje, meu filha!
- REBECA Pois é, mas eu preciso. Não posso andar de vestido de seda e com os sapatos desse jeito.
- SIMÃO Vamos ver, vamos ver... Amanhã velho Simon vai dar uma espiada nos vitrine das barratinhos... Sapatarria Marcos Kominski bota uma anuncio na jornal barratinho sapatos muita bons.
- REBECA Sempre com a mania dos baratinhos, velho. O resultado tá aqui, ó. Couro velho, ressequido, rasgo logo. (T) Bom, tchau. Eu vou me

embora ainda depois não encontro mais o doutor em casa.

C/REGRA

(PASSOS FEMININOS QUE SE AFASTAM-PORTA QUE ABRE E FECHA)

SIMÃO

Vai, vai, meu filha. (PAUSA) Meu filha tom diferente fiquei vestido de seda. Quem sabe doutor... Serria tom bom! Tom bom!... Velho Simão... sogro do ôle!...

CONTROLE

CORTINA MUSICAL

MIMOSA

Muito bem, Rebeca! Assim é que eu gosto de lhe ver. Bem vestidinha...os cabelos bem penteados... Nem parece a mesma. Eu gostaria que o Alexandre lhe visse assim. Como ôle não iria ficar admirado...

REBECA

Ele não está, dona Mimosa?

MIMOSA

Não, já saiu.

REBECA

Ora, que pena! Eu vinha perta de encontrá-lo em casa. Ele sempre sai mais tarde, não é?

MIMOSA

Exatamente. Mas hoje o coitado não pode nem terminar direito o almoço. Teve um chamado urgente da casa da família Berlink e se tocou na mesma hora. Não sei se depois ôle foi para o consultório ou se estará ainda por lá. São uns clientes muito ricos...pagam muito bem... ôle, coitado, está conegando a clínica, tem que se sujeitar.

REBECA

Eu sei. A senhora já me falou nessa gente.

MIMOSA

Cliente rico que paga bem é sempre exigente e o médico que precisa tem que andar com ôles num pé só. Há dias em que o pobre tem que ir lá duas, três e até quatro vêzes. Pela mínima coisa estão telefonando. Há ocasiões em que eu chego até ficar aborrecida. Ele sai daqui numa disparada, todo esbaforido e chega lá é porque o doente não quiz tomar um determinado remédio que ôle receitou. Depois parece que a enfermeira não tem lá muita paciência ou não cuida o doente como deve cuidar... sei lá. Sei que meu filho não me parece muito satisfeito com ôle.

REBECA

Por falar nisto, dona Mimosa, a senhora sabe que eu ando querendo trabalhar?

MIMOSA

Você, Rebeca? Mas quem atenderia seu pai em casa?

REBECA

Ora, o velho havia de se arranjar. Eu não posso continuar nesta vida, dona Mimosa. Trabalho, trabalho e nunca tenho nada direito. O velho não me afrouxa o dinheiro. Agora ôle me deu este vestido de seda mas há mais de dois anos que eu não fazia um vestido. E veja os meus sapatos.

MIMOSA

(DEPOIS DE PAUSA) E, estão felos mesmo.

REBECA

Horríveis! Eu boto porque não tenho outros. Não tenho meias... não tenho bolsa... a roupa interior está toda fuchicada... Assim a senhora vê que não dá. Se eu trabalhasse, compraria tudo isso para mim com o meu próprio dinheiro. A questão é que também não é fácil arranjar um emprego. Será que a senhora não conhece alguém

... Algum comerciante que precise de uma empregada de balcão... Ou uma família mesmo que precise de uma moça para cuidar de crianças...

MIMOSA Assim de momento eu não sei, minha filha... Mas se aparecer alguém que precise, eu me lembrarei de você.

REBECA Seria um grande favor! Pode ser até assim uma pessoa doente, para ler os jornais... dar os remédios na hora certa... Qualquer coisa que apareça eu topo.

MIMOSA Não fale assim, minha filha. Não use essas expressões de giria. Você precisa procurar melhorar cada vez mais. É verdade que já melhorou bastante da última vez que esteve aqui, mas precisa melhorar muito mais ainda. Lembre-se daquela conversa que tivemos a respeito de casamentos. Se você alimenta a esperança de se libertar do meio em que vive pelo casamento, precisa modificar inteligentemente as suas maneiras.

REBECA Eu sei, dona Mimosa. E eu faço forças, sabe? Mas é que às vezes a gente esquece.

MIMOSA Sim, é claro. Não se corrige um hábito de vinte anos em vinte dias. Em todo o caso, faça força para não esquecer. (TOM) Bem, agora vamos passar para a sala de jantar que eu vou servir um chá-zinho para você.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

IRIS Conseguiu convencê-la a ficar, Alexandre?

ALEXANDRE Não, Iris. Isto é... Consegui convencê-la a não abandonar a sua casa, mas de forma alguma ela concorda em continuar atendendo seu marido.

IRIS Vê você? Não tenho outro remédio senão substituí-la.

ALEXANDRE Espere mais alguns dias. Eu hei de conseguir alguém.

IRIS É difícil. E depois... de toda a maneira ele já está informado que eu estou quasi restabelecida e que voltarei a ocupar o meu posto...

ALEXANDRE Mas ao menos seriam mais alguns dias em que teríamos a liberdade de conversar livremente, sem que ele nos devorasse com as suas desconfianças.

IRIS Sou de opinião contrária à sua, Alexandre. Acho que não deveríamos prolongar mais essa angústia em que ambos nos debatemos. Seria aumentar a aflição do aflito porque você sabe que eu não quero e não devo ceder.

ALEXANDRE Bem sei, mas... enquanto você não voltar para junto dele... sempre abrigarei comigo um resto de esperança!

CONTROLE CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

REBECA Que é, velho? Que cara é essa? Ta esperando o que?

SIMÃO Os novidades que meu filha trraz parra contar. Porrqe doutor mandou chamar meu filha?

REBECA Não foi para me pedir em casamento, não, velho. Te acomoda.

SIMÃO Também uma prressa tom grrande velho Simon non esperrava do ele. Mas um pelavrrinha de esperrança non?

REBECA Nada, velho, nada. Te apiana. De qualquer forma eu estou muito contente porque vou trabalhar.

SIMÃO O que foi que meu filha disse? Rebeca vai trrabalhar?

REBECA Vou velho, vou trabalhar. Vou ganhar dinheiro para deixar de andar assim maltrapilha.

SIMÃO Maltrrapilho? Meu filha andar martrrapilho?

REBECA Si não ando bem, ando quasi.

SIMÃO Maltrrapilho com vestido de sêda?

REBECA E o que adianta seda por cima e molambos por baixo? Não tenho uma bolsa, não tenho um par de meias, não tenho uma sêia, um corpinho, não tenho baton, não tenho rouge, não tenho nada. Agora vou ter tudo do isto, e não só um vestido de sêda, mas vários.

SIMÃO Rebeca! Que está dizendo, meu filha?

REBECA Que afinal vou poder sair desse miserê em que tenho vivido. Vou poder usar roupas em vez de trapos. Vou deixar de lavar casa e ariar fogão como negra cativa. Vou trabalhar em serviço deconte. Vou ser enfermeira de um paralítico em casa de gente rica. Vou ganhar bom ordenado. Vou viver vida de gente.

SIMÃO E o comida do velho Simon quem vai fazer? E os grravates parra vender no rua?

REBECA Não me interessa mais nada disto. Arranje-se como puder que eu por mim já me arranjei.

SIMÃO Got Nhíú!... Meu filha Rebeca fiquei maluque!

REBECA Sua filha Rebeca se libertou. Deixou de ser escrava, entendeu? Amanhã terá começo uma nova vida para mim! E isso há de ser o início para mim, velho. O resto... virá depois!

CONTROLE

CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE Quanto ao mais... você já sabe. Deixe-o gritar... dizer-lhe tudo o que quizer, sem dar ouvidos as seus insultos.

REBECA Compreendi, doutor.

ALEXANDRE Terá que ter com ele uma paciência de santa, mas o ordenado há de compensar-lhe todas as dificuldades.

REBECA Está bem, doutor.

ALEXANDRE E agora venha comigo que eu vou lhe apresentar o seu doento. E pre pare-se para receber, já de início, uma sarivada de insultos.

REBECA Eu estou preparada, doutor.

ALEXANDRE Vamos então.

GREGA (PASSOS DE DUAS PESSOAS SEMPRE À MESMA ALTURA DO MICROFONE)

CONTROLE MÚSICA ACOMPANHANDO OS PASSOS UM TEMPO PARA SUBIR OUTRO TEMPO-BAI-
XAR E DESAPARECER

ALEXANDRE Seu Haroldo... apresento-lhe a sua nova enfermeira.

HAROLDO Quem é?

ALEXANDRE Esta moça que aqui está.

HAROLDO Aproxime-se. Quero ver a sua cara.

REBECA Pois não.

C/REGRA (DOIS OU TRÊS PASSOS)

HAROLDO Como se chama?

REBECA Rebeca.

HAROLDO (CALMO) Onde foi você arranjar-me uma Rebeca para enfermeira?

ALEXANDRE É minha vizinha. Andava à procura de um emprego e como dona Celeste não quis conti...

HAROLDO (CORTA RÁPIDO) Não me fale naquela megera. Só de ouvir-lhe o nome sinto indignação.

ALEXANDRE Talvez com Rebeca sinta-se melhor servido. E depois... acredito que não será por muito tempo. Dona Iris, dentro de mais alguns dias, já estará apta a retornar ao seu posto. Aliás ela se mostra verdadeiramente ansiosa por esse momento.

HAROLDO (VIVO INTERESSE) Ele disse isto?

ALEXANDRE Repete-o todos os dias. E penso até que já estaria aqui se não fosse a minha insistência em retardar esse instante.

HAROLDO (RANCOR TRAITO) E por que?

ALEXANDRE Porque como médico, ainda não a considero em condições de poder fazer qualquer esforço. A pancada que sofreu foi muito forte e...

HAROLDO Cale-se. Não vejo necessidade de se voltar a recordar aquele instante.

ALEXANDRE Desculpe. Eu queria apenas deixar bem explicadas as razões da demora. Nada mais.

HAROLDO Falemos de outras coisas.

ALEXANDRE Perfeitamente. Quer experimentar as aptidões da sua nova enfermeira? Ela poderá começar pela sua injeção para os nervos.

HAROLDO Não, deixemos isto para mais tarde. Já senti que nos entenderemos bem.

REBECA É este o meu maior desejo, senhor Haroldo.

HAROLDO Quando estivermos a sós, teremos bastante o que conversar.

REBECA Sim senhor.

ALEXANDRE Bem, neste caso eu peço licença para me retirar. Vou ver como está dona Iris e em seguida volto para o consultório. Se precisar de mim...

HAROLDO (CORTANDO) Já sei. Temos aí o número do seu telefone.

ALEXANDRE Perfeitamente. Com licença, então.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

IRIS Viu a nova enfermeira, Celeste?

CELESTE Muito rapidamente, quando entrou.

IRIS E que lhe pareceu?

- CELESTE Não sei. Não devo precipitar meu julgamento. O essencial é que ela se acomode com êle, o que comigo não aconteceu.
- IRIS Alexandre contou-me que êle a recebeu muito bem.
- CELESTE Já é um bom pronúncio. Sinal de que simpatizou com a cara dela. Eu, por mim, noite-lhe qualquer coisa na fisionomia que não me agradou.
- IRIS O que, Celeste?
- CELESTE Não sei bem definir o que seja. Também. \ como lhe disse, apenas trocamos ligeiras palavras quando ela entrou... Pode ser que depois de poder observá-la melhor, possa então fazer uma definição precisa.
- IRIS Será uma moça tímida, talvez... Alexandre me disse que é uma menina pobre... sem nenhum cultivo...
- CELESTE Não, não... timidez não foi propriamente o que encontrei na sua fisionomia. Parece-me assim que ela seja... como direi? - Uma criatura premeditada, talvez... Sim, sim, é isto. Encontrei, afinal, a expressão que define bem o meu pensamento a seu respeito. Ela parece ter premeditado qualquer coisa ao vir para cá, compreendeu? Não me parece ter vindo unicamente com a intenção de cuidar um doente. É isto.
- IRIS Neste caso... precisamos ter cuidado com ela.
- CELESTE O máximo cuidado, sim. Mesmo porque nunca se sabe os sentimentos que uma desconhecida possa abrigar dentro do coração. Eu lhe peço desculpas, dona Iris, de ter criado essa situação de insegurança dentro de sua casa mas asseguro-lhe que não me era mais possível tolerar as brutalidades de seu Haroldo e eu tive medo de praticar uma violência qualquer de que pudesse vir a me arrepender mais tarde.
- IRIS Eu compreendo, Celeste e não haverá de ser por isso que deixarei de querer bem a você. Afinal... a sua dedicação de tantos anos não pode ser esquecida. E compreendo mais: que a sua intolerância com Haroldo advém, justamente, da grande amizade que você tem por mim.
- CELESTE É isto, sim. Enchi-me de ódio contra êle desde o momento em que pude verificar o quanto êle a maltratava.
- IRIS Você não pode nunca admitir que êsses máus tratos provinham, precisamente, do grande amor que êle me consagra e da revolta pela situação de inferioridade a que as circunstâncias o condenaram.
- CELESTE Eu não compreendo essa maneira de amar. Já lhe disse uma vez. Continuo a pensar que si êle a amasse verdadeiramente, já de há muito que a teria libertado.
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- ALEXANDRE E então? Como passou o dia?
- HAROLDO Como sempre.
- ALEXANDRE Como se portou a sua nova enfermeira?
- REBECA Fiz o possível, doutor.

- HAROLDO Portou-se bem.
- ALEXANDRE Fico satisfeito. É isso, justamente, o que o senhor precisa: alguém que lhe atenda de uma maneira que lhe satisfaça. Deu-lhe a injeção?
- REBECA Sim, doutor. As quatro horas, conforme o senhor havia dito.
- ALEXANDRE Perfeitamente. Agora, então, dê-lhe um copo de leite às oito e meia, às nove uma destas drágeas para auxiliá-lo o sono e depois que ele tenha dormido você poderá ir para a casa, estando aqui de volta amanhã às oito horas que é para quando seu Haroldo despertar, às oito e meia, você já estará aqui para atendê-lo.
- REBECA Si quizer, doutor, eu posso vir mais cedo. Vamos que ele desperte antes...
- ALEXANDRE É difícil. O efeito deste remédio é para doze horas precisamente. Tomando-o hoje às nove, somente amanhã à mesma hora ele despertará. Em todo o caso... si você quizer vir antes...
- HAROLDO Não é necessário. Ela pode descansar mais um pouco. Se acontecer de eu me acordar um pouco antes não custa esperar que ela chegue.
- ALEXANDRE Muito bem. Fico muito satisfeito de ver a sua boa disposição com referência à nova enfermeira. Se tivesse imaginado isto, há muito tempo que a teria feito vir. Bem, seu Haroldo...
- HAROLDO Um momento, doutor.
- ALEXANDRE Pois não. Desejava alguma coisa de mim? Pode falar.
- HAROLDO O senhor... já esteve no quarto de minha esposa?
- ALEXANDRE Sim. Quer dizer... passei por lá. Ela estava bem, não precisava de nada... vim imediatamente para cá.
- HAROLDO E... vai voltar lá, antes de sair?
- ALEXANDRE Bem, eu... eu não tenho propriamente necessidade alguma de voltar, mas... se o senhor quizer... se desejar alguma coisa...
- HAROLDO Não, não... Não há necessidade. O que eu queria era... era uma piçoca tão idiota que felizmente arrependi-me a tempo.
- ALEXANDRE Ora essa! O que haveria de mais em que o senhor mandasse dizer a ela qualquer palavra amável? Que sente saudades dela, por exemplo... Seria a coisa mais natural. Afinal... o senhor é marido dela.
- HAROLDO E a ama muito, sabe?
- ALEXANDRE Também é natural.
- HAROLDO Nem tanto. Há muitos maridos que não amam as suas mulheres.
- ALEXANDRE Bem... lá isso é verdade. Mas o senhor... vê-se logo que ama muito dona Iris.
- HAROLDO E ela? Que lhe parece?
- ALEXANDRE É claro que também o ama.
- HAROLDO Tem certeza disto? Não há nenhuma dúvida em seu espírito?
- ALEXANDRE Ora, ora!... Porque haveria eu de duvidar, seu Haroldo? Só o desejo que ela manifeste de voltar o quanto antes para o seu lado é prova mais que suficiente do quanto ela quer ao senhor.
- HAROLDO Bem, doutor Alexandre, desculpe essa série de perguntas idiotas.

Para um homem que quer a uma mulher com loucura, como eu quero a minha, e que se vê na situação em que eu me vejo, há como que uma necessidade constante de ouvir, pela boca dos outros, que essa mulher o adora.

ALEXANDRE

Compreendo, seu Haroldo. Compreendo perfeitamente. Mas pode ficar descansado. Dona Iris... tem verdadeira loucura... pelo senhor. (PAUSA E TOM) Bem... e agora boa noite. Passe uma noite boa.

HAROLDO

Obrigado. Boa noite, doutor.

C/REGRA

(PASSOS QUE SE AFASTAM)

HAROLDO

Rebeca...

REBECA

Sim, seu Haroldo...

HAROLDO

Você... você gosta de dinheiro?

REBECA

Ora essa... Quem é que não gosta, seu Haroldo?

HAROLDO

Quer ganhar algum... além do seu ordenado?

REBECA

Como não? Eu preciso tanto...

HAROLDO

Pois bem. Faça então o que eu vou lhe dizer.

REBECA

Sim...

HAROLDO

Acompanhe, sem ser vista, o doutor Alexandre e veja si ele entra no quarto de minha esposa. Vá depressa. Não demore. E tenha tido o cuidado para que ninguém possa vê-la.

REBECA

Sim, seu Haroldo.

CONTROLE

CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPITULO

14 CÓPIAS/AV.

REVISÃO:

27.10.2011

CONTROLE SOBE A CARACTERÍSTICA

NARRADOR Ao terminar o quinto capítulo desta novela, deixamos Haroldo Berlinek sozinho em seu quarto com a nova enfermeira. O doutor Alexandre acabara de sair dali, dizendo-lhe que iria para casa e que não voltaria ao quarto de dona Iris naquela noite, uma vez que ela estava bem e não necessitava de seus cuidados. Haroldo, entre tanto, atormentado sempre pela desconfiança e pelo ciúme, chamou a nova enfermeira e lhe disse...

HAROLDO Você gosta de dinheiro?

REBECA Ora essa... quem é que não gosta, seu Haroldo?

HAROLDO Quer ganhar algum... além do seu ordenado?

REBECA Como não! Eu preciso tanto...

HAROLDO Pois bem, faça o que vou lhe dizer: acompanhe, sem ser vista o doutor Alexandre e veja si ele entra no quarto de minha esposa. Vá depressa. Não demore. E tenha todo o cuidado para que ninguém possa vê-la.

REBECA Sim, seu Haroldo, mas... eu não sei onde é o quarto de sua esposa...

HAROLDO Não tem importância. Veja bem onde é que ele entra e venha logo me dizer.

REBECA Sim senhor.

C/REGRA (PAS OS QUE SE AFASTAM RÁPIDOS MAS NÃO FORTES)

HAROLDO (PROJETANDO) Não faça barulho no corredor. Vá sempre por cima dos tapetes. (PAUSA) (Esta há de ser minha aliada. hei de comprá-la a peso de ouro e transformá-la na arma afiada da minha vingança. E esta há de ser terrível, implacável, diabólica, se por acaso as minhas suspeitas se confirmarem.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

CELESTE (MEIA VOZ RÁPIDA E AFLITA) Não, doutor, não entre. Venha comigo pelo corredor.

ALEXANDRE Por que, Celeste?

CELESTE A nova enfermeira segue-lhe os passos e não me parece conveniente. (RÁPIDA) Não, não. Não olhe para traz. Finja que nem se deu conta. Pode muito bem ser que ela não venha com a intenção de espioná-lo, mas de qualquer forma ela poderia dizer ao seu Haroldo que lhe viu entrar no quarto de dona Iris e o senhor sabe perfeitamente o que isto poderia ocasionar.

ALEXANDRE Sim, tem razão. Tanto mais que eu disse à ele, na presença dela, que não voltaria ao quarto de dona Iris porque ela estava muito bem.

- CELESTE Pois então?
- ALEXANDRE E se eu saísse e tornasse a voltar dentro de uns quinze ou vinte minutos?
- CELESTE Não me parece conveniente, doutor. Não sabemos com que intenção essa rapariga seguiu-lhe os passos.
- ALEXANDRE Pode muito bem ser que ela venha falar-me. Que deseje mais alguma instrução sobre os remédios...
- CELESTE Mas também pode ser que aquele demônio tenha mandado espioná-lo. Seguro morreu de velho, dr. Alexandre. Vá que eu me encarregarei de dizer a verdade a dona Iris e ela será a primeira a estimar que o senhor tenha tido essa precaução.
- ALEXANDRE Está bem, Celeste. Obrigado. Amanhã voltarei na hora do costume.
- CELESTE Boa noite, doutor.
- C/REGRA (RUIDO DE ABRIR PORTA E FECHAR DEPOIS DE FALA SEGUINTE)
- ALEXANDRE Boa noite, Celeste.
- CELESTE (DEPOIS DE PAUSA) Agora preciso saber o verdadeiro motivo que a trouxe até o corredor. Vou acender todas as luzes e si ela estiver escondida em qualquer recanto eu a surpreenderei.
- C/REGRA (RUIDO DE ACENDER DOIS OU TRES BOTOES DE LUZ)
- CELESTE Lá vai ela de volta. (CHAMANDO) Pesiu! Menina! Um momento. (PAUSA EM QUE SO SE OUVEM PASSOS ABAFADOS NO TAPETE) (AINDA FALANDO UM POUCO PARA LONGE) Queria alguma coisa com o doutor?
- REBECA (AINDA AFASTADA E SE APROXIMANDO A MEDIDA QUE FALA) É a mim que a senhora está chamando?
- CELESTE (CESSANDO OS PASSOS) Perguntei se você queria alguma coisa com o doutor.
- REBECA (MEIO ATRAPALHADA) Não senhora... isto é... Queria só fazer-lhe uma pergunta mas parece que ele já foi, não é?
- CELESTE Sim. Saiu neste momento. Mas talvez eu possa responder a sua pergunta. Fui enfermeira d'ele tanto tempo...
- REBECA Não, era... era sobre a quantidade de água que devo usar para dar-lhe o comprimido para o sono.
- CELESTE Três dedos num copo.
- REBECA Ah, obrigada. Com licença.
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- HAROLDO (ANCIOSO) E então? ~~Pode ser?~~ Ele entrou no quarto dela, não foi?
- REBECA Não senhor, não entrou. Foi diretamente à porta da rua e saiu.
- HAROLDO Será possível?!... Menina... você não está mentindo?
- REBECA Ora essa, senhor Haroldo! Por que razão haveria de mentir? Qual o meu interesse nisto?
- HAROLDO (CONSIDERANDO) Sim, sim... é verdade... O seu interesse será justamente dizer-me toda a verdade. Eu lhe pagarei muito bem, está ouvindo? Muito bem. Mas você não deverá me ocultar coisa nenhuma.
- REBECA Não tenha receio. Tudo o que eu puder observar o senhor há de sa-

ber. Tanto mais que...

HAROLDO

(DEPOIS DE PAUSA) Diga.

REBECA

Tanto mais que eu também tenho um certo interesse em saber se há ou não razão para a sua suspeita.

HAROLDO

Sim?... (PAUSA E TOM) Ah!... Estou começando a compreender. Você então... (TOM) Tem alguma coisa com ele?

REBECA

Uma esperança, apenas.

HAROLDO

Sim, sim... Pois menina, foi então muito feliz o acaso que nos a aproximou. Teremos, ambos, o máximo interesse em ajudar-nos mutuamente. Se você cumprir fielmente as minhas instruções, pode contar inteiramente com a minha ajuda. Hel de fazer tudo para auxiliá-la na realização da sua esperança.

REBECA

Muito bem. Estamos entendidos. E agora vamos tomar o remédio para dormir que já está passando da hora.

CONTROLE

CORTINA MUSICAL

IRIS

Meu Deus! Que tortura tão grande a minha? Como me deixei dominar dessa maneira? Só porque ele não veio ao meu quarto, porque não pode vir, segundo me afirmou Celeste, estou eu aqui a revolver-me na cama, aflita e angustiada sem poder dormir. E eu não devo ... não posso e não quero entregar-me. Preciso, quero, devo reagir. Será uma dupla indignidade. Uma dupla covardia. Uma infâmia mil vezes maior que todas as infâmias! Por que um coração tão fraco e tão confuso a serviço de um cérebro tão lúcido? Por que uma consciência tão clara em função de um desejo tão ardente? Tem pena de mim, meu Deus!... Tem pena de mim!... Eu quero ser honesta. Eu quero ser pura... Eu quero ser digna!... Seus olhos caridosos e envolventes cavaram-se na minha carne como agudos punhais e eu sinto que os meus braços não me obedecem, que não fazem um gesto para arrancá-los. (PAUSA SOLUÇO) Poderá ser pior a tortura do remorso do que esta que estou sentindo devorar-me a carne como uma blasfêmia?

C. REGRA

(QUATRO BADALADAS ESPAÇADAS DE UM SINO DISTANTE)

IRIS

Quatro horas da manhã!... Quasi toda uma noite e me debater nessa agonia lenta que me consome!... Dentro em pouco estará amanhecendo e eu poderei ver, dali da janela, os primeiros albos da manhã, dissipando as trevas da noite. Não tardará em que eu possa distinguir as torres da igreja das Bóres, destacando as suas silhuetas no lusco-fusco da alvorada. E eu, meu Deus?!... Até quando?... Não se dissipará, um dia, esta noite horrível de tempestade em que minh'alma se encontra perdida? Não poderei, também, avistar, iluminadas pelo sol de um novo dia, as torres do meu castelo de sonho?!... Oh meu Deus, meu Deus!... Tenha piedade de mim!... (SOLUÇOS)

CONTROLE

CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

- SIMÃO Sinhorra dar licença, dona Mimosa?
- MIMOSA Pois não, seu Simão, pode sentar-se. Desculpe, eu estava tão distraída que nem lhe ofereci cadeira.
- SIMÃO Como o conversa serrá uma pouquinho demorada e a velho Simon tem os pernas muito cansadas, muito fracas...
- MIMOSA Mas clero, foi uma falta enorme da minha parte. É que eu estava preocupada... (TRANSIÇÃO) O senhor não está sentindo um cheirinho de bolo?
- SIMÃO Si, si, uma cheirrinho muito gostosa.
- MIMOSA O senhor então vai me dar licença só um momentinho que eu estou com um bolo no forno e tenho receio que ele possa queimar. É só um instantinho.
- SIMÃO Si, si, velha Simon esperra, como non?
- C/REGRA (PASSOS APRESSADOS QUE SE AFASTAM)
- SIMÃO (DEPOIS DE PAUSA REPARANDO) Cada da doutor está agora diferente da primeira vez que velha Simon estive aqui... Já tem tapete veludo... poltronas com balancim... quadros de pintura na parede... lustre no teto... Está casa de luxo. Casa pesada importante. Serria tom bom!... Doutor home muito estimado... muito generoso... Velha Simon... vendedor de gravates... sogro duma doutor... Rebeca bonita moça é...
- C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM)
- MIMOSA (APROXIMANDO-SE) Desculpe a demora, seu Simão. É que o bolo já estava pronto e eu ainda tive que ver um pão para tirá-lo do forno. Agora podemos conversar descansadamente. Era comigo mesma que o senhor queria falar ou com meu filho?
- SIMÃO Tanto faz esta... Eu pode dizer parra o senhora e senhorra dizer parra a doutor.
- MIMOSA Muito bem. Estou às suas ordens.
- SIMÃO Erra sobre Rebeca, meu filha, que querria falar.
- MIMOSA Pois não. Pode falar.
- SIMÃO É que Rebeca está trabalhando, agora, ganhando dinheiro muito e non quer ajudar nada velho Simon. Senhorra compreende... as despesas non muitas... os gravates non dão muito dinheiro parra ganhar... enton velha Simon se lembrei de falar com doutor dar conselhos Rebeca ajudar uma pouquinho o pai de ela. Ele estive ton doente agora... non pode trabalhar tanto como quando tinha saúde bastante...
- MIMOSA Bem, mas... o senhor compreende, seu Simão... nós não temos o direito de interceder numa questão de tal natureza.
- SIMÃO Velha Simon lembrei doutor pedir parraon de ela pagar dinheiro no meu non. Eu tiraria só uma pouquinho parra ajudai as despesas do casa e entregava todo a resto no non de ela.
- MIMOSA Não, seu Simão, absolutamente. Meu filho não poderá fazer uma coi

sa destas. Quem trabalha é ela, logo... somente ela poderá receber o seu próprio ordenado. O máximo que nós poderíamos fazer seria aconselhá-la que lhe desse algum dinheiro todos os meses, para ajudá-lo nas despesas.

SIMÃO Rebeca nem faz este. Velha Simon já pedi parra ela. Quer gastei tudo nos bobage de roupa. Diz que nem pode estar com as vestidos tingides e remendades na casa do gente rica. Gente da luxo.

MIMOSA Bem, de fato ela tem razão. Numa casa como a que ela está, precisa andar sempre mais direitinha. E ela andava mesmo muito precisada de roupa, a pobrezinha, seu Simão.

SIMÃO Ela ganhei uma vestido da seda do mim.

MIMOSA Bem, mas só um vestido de seda não é suficiente para uma moça, seu Simão. A moça precisa de vários vestidos, precisa de meias, sapatos, bolsa, luvas... Precisa de roupa interior, precisa ter as suas pinturas... um pregador... um parzinho de brincos... precisa de muitas coisas e essas coisas não custam pouco. Naturalmente ela agora precisará comprar primeiro o seu guarda roupa para depois então ajudá-lo nas despesas.

SIMÃO Guarrda roupa nem precisa, dona. Velha Simon tem um mala grande cabe todo roupa dentro.

MIMOSA Mas eu não me refiro ao guarda roupa mével, seu Simão. O guarda roupa que eu digo são as roupas todas que ela necessita e que ainda está em falta.

SIMÃO Enton o senhorra acha que a doutor nem pode falei com a patrrom do ela?

MIMOSA Acho que não. Em todo o caso eu vou dizer ao meu filho que o senhor esteve aqui, vou contar-lhe do pedide que o senhor nos fez e se ãle achar que podex falar alguma coisa depois eu lhe direi.

SIMÃO Oh muito obrrigado, dona Mimosa. Muito obrrigado! Faz um forrcinha ajudei um pouco uma pobrre vendedor de grravates que está tom doente... tom velha... Serrá um obrra do caridade. E por falar em grravates, a senhorra nem quer comprrei um grravatinhe parra fazer um surrprresa prrá dotor? Velha Simon faz uma prrego bem barratinha. Este é um grravate bonito, bonito!... Um grravate que vai ficar um beleza no pesçoço do ele!

CONTROLE CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

IRIS (ASSUSTADA) Como?! Você a esta hora e aqui (na biblioteca)? Por que? O que aconteceu?

ALEXANDRE Não se assuste. É que Celeste desconfiou da enfermeira que eu trouxe para cuidar de seu Haroldo e achou conveniente que eu trocasse as horas das minhas visitas a você e também o local. Eu não creio, absolutamente, que Rebeca possa estar a nos espionar mas, para tranquilidade de Celeste, resolvi atender o seu pedi-

do .

IRIS Celeste não deveria resolver um assunto deste natureza sem consultar-me.

ALEXANDRE Pois eu justamente estou aqui para isto: para combinar com você a mudança de horário das minhas visitas. Naturalmente que ela não fez isto por mal. Esperou-me no corredor, próximo à porta de seu quarto, ontem à noite, não me deixou entrar, e pediu-me, nervosíssima, que a acompanhasse até a porta da rua. Lá combinou que eu viria vê-la hoje, pela parte da manhã e entraria diretamente para a biblioteca, afirmando-me que esta ala do palacete a enfermeira não teria nenhum pretexto para vir.

IRIS Sim, ela me disse que a enfermeira andava pelo corredor, com atitudes suspeitas, quando você saiu do quarto de Marcelo. Mas por que motivo não me terá prevenido que você viria hoje e a este hora?

ALEXANDRE Só poderá ter sido por esquecimento.

IRIS Não, não foi. Agora estou começando a compreender a razão. Ela previa, certamente, que eu não poderia estar de acordo com isto e para evitar uma...

ALEXANDRE (CONTANDO) Você não poderia estar de acordo por que? Que diferença haverá em que eu converse com você à tarde no jardim de inverno ou de manhã aqui na biblioteca?

IRIS Para mim há uma grande diferença, Alexandre. Lá você começou a visitar-me como médico e depois, como amigo, prosseguiu naturalmente as suas visitas. Aqui...

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Aqui poderei continuar igualmente como amigo, uma vez que você não me permite visitá-la de outra forma.

IRIS Mas compreenda, Alexandre... aqui... aqui já me parece maior a sensação de culpa. Tenho a impressão de que... se procuramos nos esconder... é porque temos a consciência de que estamos procedendo mal e... não desejamos que nos descubram.

ALEXANDRE Você está exagerando as coisas, Iris. Não vejo razão para tantos escrúpulos. Afinal, se os nossos encontros assumem essa característica de coisa oculta é simplesmente pelo descontrole absoluto de seu marido em matéria de ciúme. Para evitar-lhe mais um daqueles conhecidos e desagradáveis acessos. Nada mais.

IRIS Alexandre... sejamos sinceros a nós mesmos. Estamos procedendo mal desde o instante em que sentimos que um sentimento diferente se apossou de nós, substituindo a simpatia que nos aproximara. E para sermos dignos, devemos por um ponto final nestes encontros furtivos.

ALEXANDRE (TRISTE) Você quer assim, Iris?

IRIS Assim é preciso, Alexandre. Aproveitemos esse obstáculo que surge. Encaremos a presença dessa moça como uma advertência. Como um

chamado à razão. Vejamos nela o braço da consciência e sacudir-nos, a procurar arrancar-nos dêsse torpor em que, a pouco e pouco, vamos nos deixando envolver.

ALEXANDRE

(SUPLICE) Mas Iris. Por favor...

IRIS

(CORTANDO) Não, Alexandre, não insista. Ajude-me a ser digna. Temos sido insensatos e avançado demais num caminho errado mas ainda é tempo de retroceder. Voltemos sobre os nossos próprios passos eu, pelo menos, permita que eu volte sozinha, tendo a força suprema de não chamar pelo meu nome para que eu não perca a coragem e possa retornar ao meu pedestal de mulher honrada.

ALEXANDRE

(DEPOIS DE PAUSA-SOFRENDO) Está bem, Iris, volte então, se é isso o seu desejo maior. Eu taparei a boca com as duas mãos para abafar os gritos que o meu coração possa deixar fugir... (PAUSA LONGA) Vá. Pode sair.

IRIS

Não, Alexandre, você é quem deve sair. Eu ficarei de costas para não ver que você se afasta de mim. E saia devagarinho, sem fazer nenhum ruído, para que eu não possa medir, pelo som dos seus passos, a distância que se interpõe entre nós. (PAUSA) Pronto. Saia. (NOVA PAUSA) Sem nenhum ruído, não esqueça. Procure pisar sempre sobre os tapetes que eles abafarão melhor o som dos seus passos. (ENGASGADA) Saia devagarinho... com todo o cuidado... Lembre-se... que o menor ruído... poderá provocar a avalanche... que nos há de levar na sua voragem... e fatalmente nos perder... (PAUSA) Você?... você já foi, Alexandre?... Ou ainda está aí?... Não prolongue mais esta agonia, por favor... Diga... diga se você já foi... Oh, meu Deus!... Ele não me responde... Terá ido? Estará ainda imóvel, atrás de mim, sem poder mover-se? (PAUSA) Eu não tenho coragem de voltar-me... de verificar a verdade... O que desejarei eu, afinal? Que ele tenha ido ou ficado? (CHAMANDO COM VOZ TREMULA) Alexandre... Alexandre... por que não me responde? Diga... diga se você já foi? (PAUSA ABAFADA) Eu não posso mais! (RESOLUTA) Eu preciso saber. (PAUSA LONGA-QUASI SEM VOZ) Ninguém!... (CRESCENDO) Ninguém!... (PAUSA) Ele foi!... (CRESCENDO SEMPRE) Ele foi... Estou só!... (DESATANDO A SOLUÇAR) Estou só, meu Deus! Ele foi embora!... (PRANTO CONVULSIVO POR ALGUNS MOMENTOS)

CONTROLE

CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA ABAFANDO O PRANTO DE IRIS

HAROLDO

O doutor ainda não veio?

REBECA

Por enquanto não, seu Haroldo.

HAROLDO

Você tem certeza absoluta de que ele não está no quarto de minha esposa?

REBECA

Tenho, seu Haroldo. Todas as vezes que a companhia da rua tem tocado, eu tenho controlado, do fundo do corredor, a porta do quarto de dona Iris e posso lhe garantir que ninguém entrou lá.

HAROLDO

Mas e ela estará no quarto?

- REBECA Está porque ainda há pouco mais de meia hora dona Celeste entrou lá com uma bandeja onde levava-lhe o jantar.
- HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) É estranha essa demora d'êles hoje. É sempre tão pontual...
- REBECA Talvez algum chamado de urgência. Os médicos estão sempre sujeitos a êsses imprevistos.
- HAROLDO Lá isso é verdade. Bem... vamos esperar mais um pouco. Você não esqueça de vigiar sempre o corredor, em qualquer sinal da campainha da rua.
- REBECA Não esquecerêi, seu Haroldo, pode estar descansado.
- HAROLDO Preciso ter a certeza de que êle não entra no quarto dela antes de vir aqui.
- REBECA (DEPOIS DE PAUSA) Seu Haroldo...
- HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) Fale, Rebeca.
- REBECA E... e se o senhor chegar a ter certeza de que... de que sua mulher...
- HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) Me atraíçe?
- REBECA Sim...
- HAROLDO Quer saber o que eu faria? Tem medo de que procurasse vingar-me nele porque o ama, não é isto?
- REBECA Bem... o senhor compreende...
- HAROLDO Pode estar descansada, Rebeca. Ainda que tivesse desejo de matar os dois, eu o pouparia desde que você promettesse auxiliar-me na vingança contra ela.
- REBECA É essa vingança... qual seria?
- HAROLDO Eliminá-la.
- REBECA (ASSUSTADA) Seu Haroldo!
- HAROLDO Seria a única vingança compatível com a sua baixiza. Somente mantendo-a eu poderia considerar desagravados a afronta ao meu nome e o ultraje à minha honra.
- REBECA Mas... de que forma pensa o senhor que poderia matá-la?
- HAROLDO Bem... aí é que eu precisaria do seu auxílio, compreende?
- REBECA Não, seu Haroldo, não! Eu não teria coragem.
- HAROLDO Tola. Não pensa, então, no que poderia ganhar?
- REBECA Eu não teria coragem. Não teria coragem, eu sei. Só de pensar eu sinto que as pernas me tremem, que o meu peito se oprime...
- HAROLDO Todos os que, pela primeira vez, pensam em matar, sentem a mesma coisa. Mas depois de se habituarem à idéia, à princípio terrificante e hedionda, depois de pesarem as vantagens que passarão a gozar com o desaparecimento da sua vítima, o medo começa aos poucos a desaparecer e em lugar d'êla vai nascendo uma coragem que os surpeende e os embriaga.
- REBECA Não, não!
- HAROLDO E se o fato se constatar, ou seja: se as minhas suspeitas se confirmarem, você será a maior beneficiada com o desaparecimento de

minha esposa. Para inócentá-la, terá o meu testemunho de que nunca se afastou de junto do meu leito; para libertá-la da pobreza humilhante em que vive, terá o pagamento do prêmio de duzentos ou trezentos mil cruzeiros e para a conquista definitiva do seu sonho de amor, terá o caminho livre da sombra de uma rival. (PAUSA) E então? Não é uma proposta de fazer pensar a qualquer um? Mesmo a alguém que nunca tenha pensado em cometer um crime?

(CIGARRA DE PORTA BASTANTE AFASTADA)

Olhe! Deve ser ele. Vá depressa para o corredor e observe.

C/REGRA
HAROLDO
CONTROLE

CORTINA MUSICAL

HAROLDO

Era ele?

REBECA

Sim.

HAROLDO

E então? O que observou?

REBECA

Nada de anormal. Entrou... pôz o chapéu no cabide... passou pela porta do quarto de dona Iris sem entrar...

C/REGRA

(BATIDAS DISCRETAS EM PORTA UM POUCO AFASTADA)

REBECA

É ele.

HAROLDO

Abra-lhe a porta.

C/REGRA

(PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM UM POUCO-REUÍD DE ABRIR PORTA)

ALEXANDRE

(AFASTADO) Boa noite, Rebeca.

REBECA

(AFASTADA) ~~Bem~~: Boa noite, doutor. Entre.

C/REGRA

(PORTA QUE SE FECHA) (PASSOS DE DUAS PESSOAS QUE SE APROXIMAM)

ALEXANDRE

(APROXIMANDO-SE) E então? Como vai o nosso doente?

HAROLDO

Estranhando a sua demora. Cheguei a pensar que não vinha mais hoje.

ALEXANDRE

Tive um chamado inesperado que me ~~xxxxxxx~~ retardou.

REBECA

Eu não lhe disse, seu Haroldo? Calculei bem.

ALEXANDRE

Era um caso banal, mas mesmo assim, pela distância em que mora o cliente, não me foi possível chegar na hora em que estou acostumado.

HAROLDO

Bem, de qualquer maneira sempre veio e é o principal.

ALEXANDRE

Sabe que lhe trago hoje uma nova importantíssima?

HAROLDO

Sim?

ALEXANDRE

Realmente. Penso que o senhor vai ficar satisfeitiíssimo.

HAROLDO

Vamos ver. Diga lá.

ALEXANDRE

Prepare-se para experimentar uma emoção muito forte, meu amigo.

HAROLDO

Estou preparado. Pode falar.

ALEXANDRE

De amanhã em diante sua esposa voltará a cuidá-lo. Reassumirá o seu posto de enfermeira. (PAUSA) E então? Não foi realmente uma grande notícia? (PAUSA) Já sei. A sua surpresa foi tão grande que o senhor não encontra palavras que a exprimam, não é isto?

HAROLDO

Pode ser... não sei... mas afixo-lhe que a sua surpresa ainda vai ser maior.

CONTROLE

CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO

Verificar
Tom, REBECA

REVISÃO
27.10.2011

CONTROLE SOBE A CARACTERÍSTICA E FICA EM FUNDO

NARRADOR Ao final do sexto capítulo, deixamos o doutor Alexandre no quarto de Haroldo Berlinck, na visita diária que costumava fazer ao enfermo. Sempre pontual no cumprimento daquela obrigação, naquele dia, porém, em doutor Alexandre atrasára-se consideravelmente. Depois de justificar as razões do seu retardamento, dizia o doutor ao cliente ...

ALEXANDRE Trago-lhe, hoje, uma nova importantíssima.

HAROLDO Sim?

ALEXANDRE Realmente. Penso que o senhor vai ficar muito satisfeito.

HAROLDO Vamos ver. Diga lá.

ALEXANDRE Meu amigo... prepare-se para experimentar uma emoção muito forte.

HAROLDO Estou preparado. Pode falar.

ALEXANDRE De amanhã em diante... sua esposa voltará a cuidá-lo. Reassumirá o seu posto de enfermeira. (PAUSA) E então? Não foi realmente uma grande notícia? (PAUSA) Já sei. A sua surpresa foi tão grande que o senhor não encontra palavras que a exprimam, não é isto?

HAROLDO Pode ser... não sei... mas afianço-lhe que a sua surpresa ainda será maior do que a minha..

ALEXANDRE A minha surpresa?

HAROLDO Sim. Eu não quero que minha esposa volte a ser a minha enfermeira.

ALEXANDRE O se... o senhor não quer...

HAROLDO Não quero. Estou muito satisfeito com a que o senhor me arranjou e não desejo mudá-la.

ALEXANDRE Mas... mas o senhor já pensou no choque que irá causar em dona Iris a sua resolução? Ela, coitada, esperou tanto tempo e com tanta anciadade este momento...

HAROLDO Já disse que não desejo que ela volte e não gosto de ser contrariado.

ALEXANDRE Perfeitamente, mas... mas ao menos permitirá que ela venha visitá-lo todos os dias, não é verdade?

HAROLDO Quando estiver com vontade de vê-la, mandarei chamá-la, já disse.

ALEXANDRE ~~Está bem.~~ Está bem. Lamento muito mas... (TOM) Bem, deixe-me ver o relatório do dia, Rebeca.

REBECA Aqui está doutor. A tarde ele estava com a temperatura ligeiramente elevada. (A VOZ PERDENDO-SE NA DISTANCIA) Também à refeição da tarde o estômago não aceitou com a mesma...

CONTROLE CORTINA MUSICAL

CELESTE Quando o acompanhei até à porta, ele me pediu que lhe avisasse que voltaria aqui às onze horas para falar-lhe.

IRIS Não, Celeste, não. Eu não quero mais vê-lo.

CELESTE Mas ele afirma que é um assunto muito importante e que não poderá ser transferido para amanhã.

IRIS Nesse caso... porque não procurou falar-me antes de sair?

CELESTE Por precaução, apenas. Deixou para fazê-lo depois que a enfermeira se fôzse e seu Haroldo estivesse dormindo. A senhora bem sabe que quando a sua agitação nervosa é mais intensa o remédio custa muito mais a lhe produzir o efeito desejado.

IRIS Que mais quererá ele dizer-me, depois do que ficou definitivamente assentado entre nós?

CELESTE Não sei, dona Iris. Só o que lhe posso afirmar é que ele me pareceu bastante agitado.

IRIS Por mais que force a imaginação, não encontro motivo algum que possa justificar essa atitude tão estranha. (PAUSA) Nem ao menos desconfia o que possa ser, Celeste?

CELESTE Juro-lhe que não. Só o que lhe posso garantir é que quando ele entrou a sua disposição não era esta. Foi qualquer coisa que aconteceu lá no quarto de seu marido.

IRIS O que poderá ser, meu Deus?! Já não basta esta ansiedade em que vive? (PAUSA E TOM) Que horas são, Celeste?

CELESTE Quasi dez, dona Iris.

IRIS Ainda terei que esperar uma hora! (PAUSA) A enfermeira já foi?

CELESTE Há uns quinze minutos, aproximadamente. Esperei que ela saísse para vir dar-lhe o aviso. Não sei porque mas o meu coração me diz que não devo confiar nessa rapariga.

IRIS Ela não ficará muito mais tempo aqui em casa. Voltando amanhã para o quarto de Haroldo, bastarão mais dois ou três dias para inteirar-me do seu tratamento e poder dispensar os serviços dela.

CELESTE Voltando amanhã para o quarto de seu marido, voltamos nós todos à estaca zero.

IRIS Celeste, por favor, não recomece.

CELESTE Recomeçam as lutas... os máus tratos... as laúças partidas... os remédios jogados à distância... os gritos e as lágrimas...

IRIS Cale-se Celeste. Eu já lhe pedi. Por que você não me obedece?

CELESTE Porque lhe quero bem e sinto revolta dessa disposição tola de sacrifício por um homem que não lhe merece.

IRIS Mas Celeste... você não compreende? Eu não o faço por ele. É por mim mesma. Por uma imposição da minha consciência. Pela satisfação de um dever cumprido. Pelo respeito e admiração que desejo ter por mim mesma.

CELESTE Tudo isto é muito bonito, sem dúvida, mas quando, depois de praticar tão nobres virtudes, sentimos enterrarem-se em nossa carne os espinhos da incompreensão e da cegueira, assalta-nos uma vontade tremenda de gargalhar de nós mesmas pela nossa ignorância, pela nossa ingenuidade de acreditar que os outros compreenderiam a nobreza das



Handwritten mark or signature.

Handwritten mark or signature.

nossas atitudes e que mereceríamos dâles respeito e admiração. Nada de justo e de nobre vale a pena neste mundo corrompido em que vivemos. O que vale são os momentos felizes que vivemos e que mesmo depois de perdidos no passado ainda deixam um perfume agradável na nossa lembrança.

IRIS Não, Celeste, não. O mundo não é assim tão máu como você pinta e nem a humanidade tão perversa e tão injusta.

CELESTE Já lhe contei o que se passou comigo, portanto... o que lhe afirmo é com experiência de causa. O mundo é indiferente às nossas penas, da mesma forma que lembra sempre as nossas culpas. Devemos curvar-nos, ao sabôr de um juiz tão injusto?

IRIS Celeste... eu estou tonta... deixe-me por favor! Preciso descansar um pouco... recobrar a minha calma... readquirir um pouco de energia para um novo combate que se avizinha. Eu não sei com certeza mas já advinho que terei uma nova luta com Alexandre. E eu quero ser vencedora, Celeste. Por piedade não exgote as minhas reservas de resistência.

CELESTE Eu vou me retirar para que a senhora tenha tempo de preparar-se melhor para recebê-lo. Arrume os seus cabelos, ponha um pouco de baton nos lábios descorados, um pouco de rouge nessas faces macilentas e troque esse chambre por um dos seus pegoire claros. Não esqueça que uma mulher moça, mesmo quando se prepara para repelir um homem que a assedia, deve aparecer sempre bonita.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MIMOSA (POUCO AFASTADA) Estás estudando, meu filho?

ALEXANDRE Não, mamãe. Estava aqui examinando estes folhetos de propaganda que os laboratórios nos mandam. É tanta coisa todos os dias que, de vez em quando, somos obrigados a inutilizar o que não nos interessa.

C/REGRA (RUIDO DE RASGAR PERTO TRES OU QUATRO FOLHETOS-PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM)

MIMOSA (APROXIMANDO-SE) Neste interrompo vindo conversar um pouco contigo?

ALEXANDRE Absolutamente, mamãe. A senhora sabe que a sua presença é sempre um motivo de ~~grande~~ grande satisfação para mim.

MIMOSA (BEIJO) Meu filho querido! A mamãe anda triste com ele.

ALEXANDRE Triste comigo, mhezinha? Por que?

MIMOSA Porque você está sofrendo em silêncio uma angústia qualquer, escondendo-a de mim. Dê mim que sou a sua melhor amiga e que poderia aconselhá-lo tão bem!

ALEXANDRE Mas mamãe... a senhora está fantasiando coisas, assegure-lhe.

MIMOSA Não, meu filho, o coração de uma mãe jamais se engana. Já é que está mentindo. Compreendo e agradeço a tua intenção mas podes crer que sofro muito mais compreendendo essa inquietude em que te encontras perdido e sem poder fazer - por desconhecer-lhe a verdadeira razão - qualquer coisa que suavize esse tormento intimo. (PAUSA TERMINA) E então, querido? (PAUSA) Não te resolves? (PAUSA) Vamos...

conta para a tua mãezinha.

ALEXANDRE Tolices de moço, mãe. A senhora sabe o que são essas coisas de co-
ração na minha idade. Mas não se preocupe, não. Isso passa.

MIMOSA Ela não te quer?

ALEXANDRE (RÁPIDO SOBRESSALTO) Ela quem?

MIMOSA Não sei. Como posso saber se não são de casa então me contas nada?
Pergunto-te pela moça que te faz andar assim tão cismarento.

ALEXANDRE (ALIVIO) Ah, sim. Quer dizer... não é que ela não queira, própria-
mente...

MIMOSA Os pais, talvez...

ALEXANDRE Ela não tem pais, isto é... parece que não tem, ou si tem não resi-
dem aqui.

MIMOSA Já te declaraste a ela? Já lhe disseste que a pretendes para esposa?

ALEXANDRE Mãe, desculpe... deixemos as confidências para outro dia... São
quasi onze horas, e eu preciso sair imediatamente.

MIMOSA Sair agora tão tarde, meu filho? Com este frio tão grande?

ALEXANDRE Eu preciso, mãe. Tenho um cliente à minha espera. Ele foi operado
esta tarde e eu não posso dormir sem ir vê-lo.

MIMOSA Está bem, meu filho, eu não te atrapalho. Quando quizeres continuar
o nosso assunto lembra-te que a mãe está sempre com o seu coração
aberto, derramando carinho e compreensão.

CONTROLE CORUNA MUSICAL

C/REGRA (ONZE BADALADAS DE SINO-ESPAÇADAS E AFASTADAS-BATIDAS DISCRETAS EM
VIDRO DE JANELA)

CELESTE (MEIA VOZ) É ele. Pontualíssimo, como sempre.

C/REGRA (ALGUNS PASSOS DE MULHER NAO FORTES E RUÍDO DE ABRIL JANELA IDEM)

CELESTE (MEIA VOZ) (PROJETADA) Já estava à sua espera. Pode ir à porta que
eu vou abri-la imediatamente.

CONTROLE CORTINA MUSICAL MISTERIOSA

ALEXANDRE (MEIA VOZ) Ela concordou em receber-me?

CELESTE Relutou um pouco, a princípio, mas por fim consegui convencê-la.

ALEXANDRE Era inadiável o que tenho a dizer-lhe hoje.

CELESTE Inadiável me parece uma solução imediata para esta situação de an-
gústia intolerável que acabará, fatalmente, arrastando dona Iris a
um gesto qualquer de desespero.

ALEXANDRE E você acha que a solução depende de mim, Celeste?

CELESTE Unicamente doutor. De mais ninguém.

ALEXANDRE Não possa fazer nada. Não posso. Estou de mãos atadas pela recusa
constante de Iris.

CELESTE A solução a que me refiro independentemente da vontade ou da intervenção
de dona Iris.

ALEXANDRE Não compreendo...

CELESTE É que o senhor já esqueceu.

ALEXANDRE Você se refere...

CELESTE (DEPOIS DE PAUSA) Ao veneno.

CONTROLE ACORDE TRÁGICO EM CIMA DA PALAVRA-FRASE CORTA)

ALEXANDRE Celeste!

CELESTE Por que não aproveita agora que ele está dormindo e não há ninguém no quarto? Uma ampola aplicada depois da dose de remédio que ele tomou às nove e meia... e ele não acordaria nunca mais.

ALEXANDRE Não, Celeste.

CELESTE Estariam livres... o senhor... e ela.

ALEXANDRE Já disse que não. Por favor não insista.

CELESTE É pena! A vida passa tão depressa! E geralmente... quando nos arrependemos do tempo perdido já não há mais tempo para recuperá-lo.

ALEXANDRE Cale-se Celeste. Eu já lhe peço. Avise dona Iris que estou aqui.

CELESTE Não é preciso avisá-la. Ela já está à sua espera. Pode passar.

CONTROLE CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

~~LOGU~~ PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

ALEXANDRE (EMOÇÃO) Boa noite, Iris.

IRIS (EMOÇÃO) Boa noite, Alexandre. (PAUSA) Sente-se.

ALEXANDRE Obrigado. (PAUSA) Iris, eu...

IRIS (PAUSA) Fale.

ALEXANDRE Ontem... quando me afastei de você... levava o firme propósito de não mais procurar perturbar a sua vida e sufocar, em silêncio, e à distância, os ímpetos do meu coração cheio de amor, transbordante de carinho e de ternura, a você inteiramente dedicados. Tão sincera era a minha intenção de conservar-me afastado de você que à noite, visitando seu marido, como de costume, comuniquei-lhe, afinal, o seu completo restabelecimento e o seu firme propósito de reassumir, amanhã, o seu posto de enfermeira junto ao seu leito de enferma. Acontece que o destino se compraz, quasi sempre, em divertir-se com aqueles que procuram fugir dele e seu marido declarou-me, parentóricamente, que não deseja outra enfermeira si não aquela que presentemente o assiste.

IRIS Como?!... Meu marido não deseja que eu volte a cuidar dele?

ALEXANDRE Pelo menos foi o que me declarou esta noite, de maneira formal e decisiva.

IRIS Mas que motivos o terão impellido a proceder assim?

ALEXANDRE Não sei. E confesso que por mais que os procure não consigo encontrá-los. E tem ainda uma outra coisa que me deixa completamente confuso. O fato dele não desejar que você vá visitá-lo em seu quarto ainda quando ele mandar chamá-la.

IRIS Não pode ser! Haroldo não poderia sofrer tão radical transformação em apenas dois meses e pouco!

ALEXANDRE Eu também estou completamente aturdido. Percuro nortear-me por esta ou aquela razão, mas todas elas me parecem demasiadamente fracas. Confesso que não sei mais o que pensar.

IRIS Tudo isto é muito desconcertante, em verdade. Eu não sei como deva

proceder, agora... (PAUSA E TOM) O que me aconselha, Alexandre?

ALEXANDRE O verdadeiro conselho para o caso, eu me excuso de apresentar porque você não o aceitaria. Encerrou-se de tal forma dentro do círculo de ferro dos preconceitos que já sei ser inútil qualquer esforço no sentido de libertá-la.

IRIS Alexandre... abandone o seu pensamento de homem e procure auxiliá-me, neste momento difícil, aconselhando-me como médico competente e amigo criterioso.

ALEXANDRE Farei empenho em atendê-la, mas não creio que possa ser muito fácil. Em todo o caso... vejamos... (PAUSA PARA REFLEXÃO) Pense que você... mesmo avisada, como está, deve fingir que ignora a verdade, a menos que ele mande dizer-lhe alguma coisa diretamente. Pois bem, assim sendo, amanhã, depois que se levante, você deve tentar ir vê-lo. Se ele se recusar a recebê-la, acredito que há de expor os motivos e aí, então, talvez já tenhamos argumentos para supor a verdadeira causa dessa inesperada decisão. (PAUSA) O que a acha?

IRIS Ache que você pensou, precisamente, na maneira mais lógica de agir.

ALEXANDRE Mais lógica dentro do seu ponto de vista, porque a mim o que verdadeiramente me parece é que...

IRIS Por favor, Alexandre! Eu lhe pedi apenas o conselho de médico e amigo.

ALEXANDRE E não foi o que lhe dei?

IRIS Em primeiro lugar sim, mas já agora está querendo expandir-se por um outro prisma.

ALEXANDRE Bem, neste caso... para evitar que o mal possa repetir-se... peço licença para retirar-me. (PAUSA) Boa noite, Iris.

IRIS Boa noite, Alexandre.

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Deixa-me mesmo partir?

IRIS Que outra coisa posso eu fazer?

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Boa noite.

IRIS Boa noite.

C/REGRA (PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM-RUIDO DISCRETO DE PORTA QUE ABRE)

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA-AFASTADO) Boa noite.

IRIS Boa noite.

C/REGRA (RUIDO DISCRETO DE PORTA QUE SE FECHA)

IRIS (DEPOIS DE PAUSA-ABAFADA) Oh meu Deus!... O que custa de sacrifício ao coração de uma mulher que ama, ver afastar-se o objeto de seu amor e não poder fazer um gesto para retê-lo!...

CONTROLE CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

IRIS É você a nova enfermeira de meu marido?

REBECA Sim, senhora. A senhora é dona Iris?

IRIS Sou. Ele já acordou?

REBECA Já, sim, senhora. Neste momento terminei de dar-lhe o primeiro alimen

IRIS Bem, eu vou entrar.

REBECA (RÁPIDA) Um momento, dona Iris.

IRIS Sim?

REBECA É que... a senhora me desculpe, mas... A ordem que seu Haroldo me deu foi de não deixar entrar ninguém sem que... sem que ele dissesse... se estava eu não disposto a receber.

IRIS Acredito, mas... não creio que essa ordem se estenda a mim, sua esposa.

REBECA Desculpe, dona Iris, mas... eu não devo ocultar-lhe a verdade... Essa ordem se refere... principalmente à senhora.

IRIS É muito estranho. Em todo o caso... não quero, de modo algum, contrariar meu marido. (PAUSA E TOM) Quer fazer o favor de anunciar-lhe a minha visita?

REBECA Pois não. Um momento, sim?

C/REGRA (PORTA QUE SE FECHA UM POUCO AFASTADA)

IRIS (SÓ) Deus me dá coragem bastante para encarar-lo com inteira serenidade e resistir, sem corar, ao olhar prescrutador que já me parece sentir procurar devassar a minh'alma! E que eu tenha força, igualmente, de, num beijo longo, poder fingir uma saudade que absolutamente não sinto. Que coisas me dirá? Que perguntas fará? Como as responderei? Não sei, meu Deus, não sei! Só o que pego é que me seja permitido fingir uma calma que não sinto e um domínio absoluto da minha faculdade de...

C/REGRA (PORTA QUE SE ABRE)

REBECA Seu Haroldo manda dizer-lhe que depois do repouso da tarde a senhora será recebida.

IRIS (DECEPÇÃO) Depois... depois do repouso da tarde?

REBECA Foi o que ele disse, dona Iris.

IRIS (DEPOIS DE PAUSA) Está bem. Diga-lhe que virei então às quatro horas.

REBECA Perfeitamente.

CONTROLE (MÚSICA MUSICAL AGITADA)

C/REGRA (RUIDO DE ABRIR PORTA)

SIMÃO Bom tarde, senhorra.

CELESTE Boa tarde. Não queremos nada, não. Aqui só quem poderia usar gravatas é o patrão e ele é doente, não sai da cama.

SIMÃO (RÁPIDO) Uma momentinho, senhorra, não fecha o porta. Eu não venho oferecer gravatas. Vim pedir parra falei com o meu filha Rebeca que trabalha aqui. É o enfermeira da senhor Berlinck.

CELESTE Ah, sim. O senhor é o pai da enfermeira do senhor Haroldo?

SIMÃO Esse mesmo. Seu a pai do ela.

CELESTE O senhor quer algum recado? Ela não pode sair do quarto.

SIMÃO Oh, não pode sair? Eu precisava de falei com ela!

- CELESTE Eu posso transmitir o seu recado, se o senhor quiser, agora, chamá-la não posso porque o seu Haroldo não permite que ela se afaste de junto dele.
- SIMÃO Eu queria pedir uma dinheirinho parra comprrei uma pouco de comida que nom tem nada parra jantei. Rebeca um filha igrrata, deixa a papai do ela sem comida, no casa. Gasta toda a dinheiro nas roupas da vestir. Quer andei bonita e a papai do ela com o barigue vasic. Está trriste, nom, senhorra?
- CELESTE E, sim, ela devia lhe ajudar.
- SIMÃO E velha Simon está um pessba enferrma. Nom pode trrabalhei muito. Hoje caminhei o tarde toda e nom consegui vender nem um grravate. Diga que a paisinho do ela mandei pedir uma dñheirinho parra jantei.
- CELESTE Si ela é assim não adianta nada dizer porque ela não vai lhe mandar nada. Eu vou lhe dar algum dinheiro para o senhor jantar.
- SIMÃO O senhorra vai me dar dinheiro parra o mim?
- CELESTE Vou. (PAUSA) Olhe, aqui tem vinte cruzeiros para o seu jantar.
- SIMÃO Oh, senhorra, muito agrradecida!... O senhorra tem uma corraçom grrande, grrande! Da tamanho da mundo!
- CELESTE E sempre que precisar o senhor venha falar comigo. Não posso ver um pobre pai, na sua idade, completamente abandonado pela filha.
- SIMÃO (CHOROSO) Tres filhas, senhorra! Tres filhas! E todos tres esquecido da velho papai de elas! (CHORA)
- CELESTE E triste, realmente. Muito triste! Mas não chore, não.
- SIMÃO (CHOROSO) Tem que chorrei, senhorra. Ver as extrranhas ter pena de mim e as meus filhas nom ter!... É dolorroso, senhorra. Muito dolorroso!
- CELESTE E, mas esqueça isto. Vá tratar do seu jantarzinho e quando tiver qualquer necessidade lembre-se de mim que eu estarei sempre pronta para ajudá-lo. E outra coisa: eu não vou dizer nada à sua filha que o senhor esteve aqui porque tenho a certeza de que ela não vai gostar, mas o senhor também não lhe diga uma palavra do que se passou entre nós, combinado?
- SIMÃO Si, si. Velha Simon nom abrrirrá o boca parra dizer um palavra. Fiqui descansada. Passe bem, senhorra. Muito obrrigado parra e senhorra.
- CELESTE Não tem porque. Faase bem.
- O/REGRA
- CELESTE (DEPOIS DE PAUSA-ASTUCIOSA) Hei de comprar-te, velho miseravel, para que tu sejas a nossaxima de defesa contra ela no momento em que ela nos procure ferir!
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- HAROLDO Que horas são, Rebeca?
- REBECA Cinco para as quatro, seu Haroldo.

HAROLDO Ela disse que viria às quatro, não foi?

REBECA Sim. Não deve demorar. (PAUSA E TOM) O senhor quer que eu fique no quarto ou que me retire?

HAROLDO Como você quiser. O que vou dizer-lhe é tão pouco.

REBECA Se para o senhor for indiferente eu prefiro sair. Esperarei aí no corredor e no caso que o senhor tenha alguma necessidade, bastará chamar-me que logo atenderei.

HAROLDO Está bem. Se prefere assim...

REBECA Prefiro. Na minha presença dona Iris poderia sentir-se constrangida e estando só com o senhor isto já não aconteceria.

HAROLDO Tem razão. E ela deve ter muita coisa para dizer-me, principalmente depois de ouvir-me. Bem sei que uma grande parte do que vai dizer...

C/REGRA (COMEÇA A BATER QUATRO HORAS ANTES DE TERMINAR A FRASE ANTERIOR)

HAROLDO (CORTE O QUE ESTAVA DIZENDO À PRIMEIRA BATEIA) Quatro horas. A pontualidade nas mulheres é uma coisa tão impossível como querer exigir que num pé de cardo floresçam rosas. Quando a mulher disser: às quatro horas estarei aqui pode-se estar certo de que somente uma hora depois...

C/REGRA (BATIDAS DISCRETAS NA PORTA)

REBECA (BRINCANDO) Não prossiga para não ser injusto. Aí está ela.

HAROLDO Ainda não sei. Pode muito bem ser, mas pode também não ser. Vá abrir.

C/REGRA (POUCOS PASSOS E PORTA QUE SE ABRE MUITO AFASTADA)

IRIS (DA DISTANCIA EM QUE A PORTA FOI ABERTA) Boa tarde.

REBECA (IDEM) Boa tarde, dona Iris. Tenha a bondade de entrar. O seu Haroldo está a sua espera. (PARA LONGE) Como o senhor agora estará por algum tempo acompanhado, seu Haroldo, eu vou dar uma volta pelo jardim para apanhar um pouco de sol. Com licença.

C/REGRA (FEZME PORTA QUE SE XERE FECHA)

HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA PESADA) Entre.

C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM LENTOS E VACILANTES)

HAROLDO (DEPOIS DE NOVA PAUSA) Sente-se.

IRIS (DEPOIS DE PAUSA ABAFADA) Haroldo, eu... eu estou tão surpresa da maneira como você me recebe... Eu confesso que...

HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) Esperava ver-me com os braços estendidos para você, a boca inteira rasgada num sorriso e os olhos inundados de lágrimas de felicidade, não é isto? Como nada disto aconteceu... teve uma surpresa, não foi? Pois então a sua surpresa vai ser mil vezes maior com o que eu vou lhe dizer.

CONTROLE CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA-EMENDANDO COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DE CAPÍTULO